

COLÓQUIO/LETRAS

Tal como a revista *Colóquio/Artes*, a *Colóquio/Letras* resultou da cisão daquela — *Colóquio – Revista de Artes e Letras* — cujos 61 números a Fundação Calouste Gulbenkian publicara entre Janeiro de 1959 e Dezembro de 1970.

De Março de 1971 é o seu número inicial, dirigida por Hernâni Cidade e Jacinto do Prado Coelho: o primeiro fora, desde o princípio, director literário da revista fundadora; o segundo associara-se-lhe no último ano de vida da publicação.

Com a morte de Hernâni Cidade, em 1975, Prado Coelho será director da *Colóquio/Letras* até 1984, data do seu prematuro falecimento. Substituiu-o no cargo David Mourão-Ferreira, que morre em 1996, passando então a dirigir a revista Joana Morais Varela, que nela trabalhava desde 1989 e ascendera a directora-adjunta em 1991. Em 1997, Abel Barros Baptista completa o quadro directivo da publicação que assim se mantém ainda hoje.

Na empresa de lançamento da revista constam ainda os nomes de Luís Amaro enquanto secretário de redacção e o de Manuel Correia como orientador gráfico, o qual, falecendo em 1978, será substituído até ao número 120, de Abril de 1991, por José A. Rosado Flores. Luís Amaro, «meu tão certo secretário», como Prado Coelho lhe chamou no editorial «Dez Anos depois», imprimiu indelevelmente, com o seu rigor único e a sua sensibilidade rara, um alto padrão editorial à revista, tanto do ponto de vista tipográfico quanto bibliográfico, vindo a assumir em 1986 o cargo de director-adjunto, e continuando, depois de aposentado, em 1989, ligado à publicação até 1996, enquanto consultor editorial.

Afecto às Letras (miscelânea de estudos publicada pela Imprensa Nacional) se chamou o volume de homenagem a Jacinto do Prado Coelho e pode bem dizer-se que semelhante afecto, racional e comovido, constitui o cerne da ligação entre os sucessivos directores da publicação, bem patente nos editoriais evocativos das suas qualidades pessoais e intelectuais (de Hernâni Cidade, no número 23, de 1975, Jacinto do Prado Coelho dirá que «não era só o Mestre lúcido e experimentado, mas o companheiro exemplar, cordial, generoso, humaníssimo, com uma nobreza de carácter, um amor da vida e uma curiosidade mental que foram seu timbre até ao fim»; de Prado Coelho, dirá David Mourão-Ferreira em 1984, no número 79, que não houve domínio da sua vasta especialidade «em que não soubesse deixar as marcas inconfundíveis da sua sensibilidade, da sua inteligência, da sua vocação de grande

hermeneuta, do seu espírito de grande humanista»; de Mourão-Ferreira, no número 140, de 1996, a nova directora dirá que as suas palavras não podem nem querem «evitar o homem e a infinita pena de o perder como director e o mais fiel dos amigos», mas que também não podem «deixar de vincar a natural coerência entre a vida do homem e a singular obra literária que construiu».

Com trinta e seis anos de publicação e 166 números dados à estampa, *Colóquio/Letras* conheceu portanto quatro direcções, o que, como é natural, levou a algumas alterações tanto do ponto de vista gráfico quanto do da «arrumação» dos conteúdos, sem, no entanto trair nem as directrizes iniciais nem o programa anunciado no editorial do primeiro número. Continua a ser uma «revista especificamente literária, com textos de poesia e de ficção, mas, na maior parte, destinada ao estudo da literatura de modo não puramente erudito, não polémico, não meramente divulgativo, antes serenamente reflexivo, problemático, ensaístico. Naturalmente vinculada ao *Colóquio*, cuja acção se propõe prolongar, obedece às mesmas directrizes gerais: “sem dependência de escolas, de sectarismos ou de proselitismos”, apenas fazendo uma discriminação: a da *qualidade*; apenas impondo uma norma: a da *tolerância*, do *respeito mútuo*. Do programa editorial constava a inclusão de *ensaios* (filosofia e teoria da literatura; literaturas estrangeiras; literatura brasileira; literatura portuguesa), *documentos* (inéditos de escritores notáveis ou documentos ignorados para o estudo da sua vida ou obra), *ficção*, *poesia*, *crónicas de teatro*, eventualmente *notas e comentários e inquéritos*; e ainda: *cartas* do Ultramar, do Brasil e do estrangeiro; *crítica de livros* (inclusive brasileiros e galegos); sempre que possível, *informação literária* e uma *revista de revistas*. Mantiveram-se até hoje estas grandes rubricas, com pequenas alterações: subdividiu-se, no número 62, de Julho de 1981 a «Crítica de Livros» em duas secções: «Livros sobre a Mesa» (com textos mais sucintos relativos a reedições, a livros nas «franjas» da literatura, de autores muito recentes ou a edições de autor) e «Recensões Críticas»; ainda no mesmo número, a rubrica noticiosa passou a chamar-se «Letras em Trânsito»; por volta do número 100, as «Cartas» começaram a rarear, ao passo que as «Crónicas de Teatro» bem cedo desapareceram.

Com o contributo de mais de 1100 colaboradores, *Colóquio/Letras* publicou até hoje 22 934 páginas, distribuídas por 978 artigos ensaísticos, 481 notas e comentários (de dupla função: ensaio muito específico ou comentário alargado a um ou vários livros); 114 cartas de diversas proveniências, mas com maior frequência de França,

Inglaterra, Espanha e Itália; 3 234 resenhas críticas e 729 notas de leitura na secção «Livros sobre a Mesa»; 52 conjuntos de apontamentos sobre publicações congéneres na secção «Revista de Revistas»; 136 documentos, na sua grande maioria de escritores portugueses do século XIX e XX, embora incluindo algumas peças relativas a autores brasileiros; poesia de 188 autores portugueses, 75 brasileiros e 19 autores africanos de expressão portuguesa; ficção de 63 autores portugueses, 26 brasileiros e seis autores africanos de expressão portuguesa; na rubrica «Informação Literária», depois transformada em «Letras em Trânsito» foram dadas milhares de notícias que parece inútil estar a analisar, mas que dão conta da realização de colóquios, festivais, debates, homenagens em Portugal e no estrangeiro, da atribuição de prémios, da tradução para outras línguas de autores portugueses, sua inclusão em antologias ou estudo em revistas, e ainda do falecimento de escritores.

A propósito da continuidade, da vastidão e da minúcia desta empresa, já no editorial do número 100 (1987), David Mourão-Ferreira sublinhava: «Pensamos que será decerto indispensável a consulta de tais milhares de páginas para doravante se compreender ou historiar não só a literatura portuguesa destas duas últimas décadas mas também a de boa parte das demais literaturas que em português igualmente se exprimem; e, nesse espaço de tempo, nesses vários quadrantes, não haverá autor mais ou menos representativo que não tenha encontrado aqui, uma vez que seja, ou a resenha a algum de seus livros, ou o registo da repercussão que eles foram alcançando, ou até a mais desenvolvida abordagem crítica deste ou daquele aspecto da globalidade da sua obra. De idêntico modo urgirá sem dúvida recorrer àqueles mesmos milhares de páginas para se entender ou avaliar, no mencionado período e nos aludidos domínios, ora a coexistência de diversificadas linguagens críticas, ora a reveladora evolução de perspectivas e métodos preponderantes. Por outra parte — e ainda que possa considerar-se *Colóquio/Letras*, como sempre de resto se tem sublinhado, mais uma revista *sobre* literatura que revista *de* literatura —, tão-pouco têm deixado de em suas páginas continuamente comparecer — sem distinção de tendências, de gerações, de ideologias, e desde os mais consagrados vultos a recentíssimas ‘revelações’ — inúmeros e contrastados exemplos da narrativa contemporânea, e sobretudo da poesia contemporânea, sem todavia se negligenciar a incessante publicação de textos inéditos de muitos autores já desaparecidos.»

Com efeito, *Colóquio/Letras* soube reunir, em primeiro lugar, no domínio do ensaio, um vastíssimo leque de colaboradores que inclui desde nomes anteriores aos

da geração da *Presença* até aos mais jovens ensaístas com provas dadas. Lembremos que nas suas páginas se incluem textos de Hernâni Cidade e Rodrigues Lapa (cujo artigo lançou mesmo uma polémica em torno da modernização do galego), João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro (com um único artigo, magistral, sobre Régio), Guilherme de Castilho, Albano Nogueira (ainda activo). *Presença* constante, até à morte, de um trabalho de grande e sóbria qualidade, foi a de Álvaro Salema, outro obreiro principal da revista: para além de artigos de índole ensaística, recenseou para cima de 400 livros! E não devem esquecer-se as delicadas, sábias, juvenis e até certo ponto irreverentes intervenções do medievalista P.^o Mário Martins. Grandes escritores-ensaístas como Vergílio Ferreira (com produção de índole filosófica, de teoria e crítica literária), Fernando Namora, Mário Dionísio ou Jorge de Sena deram também o seu contributo a *Colóquio/Letras*, salientando-se por uma mistura de «fúria», urgência prática e saber enciclopédico, o único artigo que o autor de *Sinais de Fogo* publicou na revista, sobre o realismo português e brasileiro. Dois companheiros de geração de Sena, Óscar Lopes e António José Saraiva, têm, como é seu timbre, intervenções decisivas: o primeiro, publicando, para além daquele que é talvez o seu mais célebre ensaio — «Uma Espécie de Música», sobre a poesia de Eugénio de Andrade —, apaixonantes trabalhos sobre Camilo, Aquilino, Antero e Irene Lisboa; o segundo, dando à estampa artigos sobre Camões e sobre a Geração de 70, com especial relevo para o texto escrito a propósito do uso dos tempos verbais em *Os Lusíadas*. Jacinto do Prado Coelho deixou na *Colóquio/Letras* excelentes ensaios sobre Herculano, Camilo, Pessoa — no número 80, que lhe é dedicado, um texto sobre «Conceitos e Fronteiras do Literário», o seu testamento de professor e estudioso da literatura — e um nunca acabar de notas, comentários e recensões: partilhou com os leitores a sua visão crítica de mais de 60 livros! Enquanto director, soube angariar a colaboração tanto de companheiros de geração quanto de discípulos, ao mesmo tempo que oferecia as páginas da revista a não-universitários bem como a universitários de outras escolas e também de outras nacionalidades. Detecta-se a sua influência directa no elevado número de colaboradores provenientes da Faculdade de Letras de Lisboa: Andréa Rocha, Maria de Lourdes Belchior, David Mourão-Ferreira — publicando poesia e ensaios sobre, entre outros, Miguel Ângelo, Thomas Mann, Rilke, M. Teixeira-Gomes — Fernando Cristóvão, Machado Pires, Duarte Faria, Osório Mateus — este batendo-se por uma renovada visão de Gil Vicente já concretizada depois da sua morte —, José Martins Garcia, Maria Alzira Seixo — colaboradora até hoje, com

relevantes intervenções no campo dos estudos literários, da teoria da literatura e da crítica literária, pondo na prática concreta da recensão muito do seu trabalho —, Maria Vitalina Leal de Matos — que publica dois importantes estudos camonianos e contesta a numerologia de Sena —, Lucília Gonçalves Pires, João Almeida Flor, Fernando J. B. Martinho, Arnaldo Saraiva, Eduardo Prado Coelho, João David Pinto-Correia, João Barrento, Ivette Centeno, Maria de Lourdes Ferraz, Manuel Frias Martins, Margarida Vieira Mendes — com dois magistrais artigos sobre Eça de Queirós —, Paula Morão, Annabela Rita, Silvina Rodrigues Lopes, Helena Buescu. Mas esta escolha de ensaístas está também decisivamente marcada por um grande espírito de abertura na procura da tão desejada *qualidade*: é assim que são convidados a colaborar académicos de outras universidades portuguesas: Américo da Costa Ramalho, Maria Helena da Rocha Pereira — que tão sabiamente liga autores portugueses, clássicos e contemporâneos, à literatura da Antiguidade —, a germanista Manuela Delille, a romanista Ofélia Paiva Monteiro — autora de notáveis artigos sobre a ficção de Garrett e a de Diderot —, o camonista e teórico da literatura Vítor Manuel Aguiar e Silva, José Carlos Seabra Pereira, especialista no fim-de-século e assinando dezenas de artigos de formidável erudição sobre autores não-canónicos, Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, Carlos Reis, Clara Rocha, Cristina Robalo Cordeiro, Maria da Glória Padrão, Maria de Fátima Marinho, Margarida Losa, Isabel Pires de Lima. Leccionando no estrangeiro encontravam-se Eduardo Lourenço — que oferecerá à revista lucidíssimos e originais artigos sobre, entre outros autores, Pessoa, Aquilino, Régio, Torga, Ramos Rosa, Jorge Guillén —, Eduardo Mayone Dias — estabelecendo pontes entre a cultura portuguesa e a espanhola —, Luís de Sousa Rebelo — que, para além de continuar a redigir magníficas Cartas de Inglaterra, envia ensaios sobre Sena, Joyce, Pessoa e Saramago —, Alexandre Pinheiro Torres, Helder Macedo — de extrema argúcia nas suas leituras de Bernardim, Garrett, Camilo —, João Medina — especialista no século XIX, sobretudo em Eça —, José Augusto Seabra, Álvaro Manuel Machado, João Camilo dos Santos, Liberto Cruz, Teresa Rita Lopes, Maria Graciete Besse, Manuel G. Simões, António Cirurgião, Francisco Cota Fagundes. Entre os não-académicos, Jacinto do Prado Coelho fará também uma ampla recolha de ensaístas, a começar por escritores que também o são: Agustina — dissertando sobre Camilo e sobre Dostoievski —, António Ramos Rosa, Alberto de Lacerda, Fernando Guimarães, Urbano Tavares Rodrigues, Luiz Francisco Rebello — com abundantíssima colaboração —, João Rui de Sousa, António Rebordão Navarro,

António Manuel Couto Viana, Eugénio Lisboa, Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro, José Bento — que colabora logo no primeiro número —, Fiana Hasse Pais Brandão, Casimiro de Brito, Vasco Graça Moura, Mário Cláudio, Nuno Júdice, Luís Miguel Nava, sendo também chamados a colaborar, sobretudo com leituras críticas, jornalistas como Júlio Conrado, Carlos Porto ou Serafim Ferreira. Assim, aqueles que sucederam a Prado Coelho na direcção da revista, viram-se detentores de uma vasta herança, à qual foram forçosamente acrescentando outros nomes: Abel Barros Baptista, Fernando Cabral Martins, José Augusto Cardoso Bernardes, António M. Feijó, Vera Vouga, Maria João Reynaud, Luís Adriano Carlos, Rosa Maria Martelo, Osvaldo Silvestre, Américo António Lindeza Diogo, Gustavo Rubim, Ernesto Rodrigues, Luís Prista, Eduardo Pitta, Ana Luísa Amaral, Luís Mourão, Victor Mendes, Maria Manuel Lisboa, João Dionísio, João Ricardo Figueiredo, para só mencionar alguns.

Dois grandes ensaístas brasileiros, teóricos da literatura e da cultura, aparecem frequentemente nas páginas de *Colóquio/Letras*: são eles José Guilherme Merquior — com textos de grande inteligência polémica, sempre meditados pelo saber histórico e sociológico, o último dos quais, pouco antes de falecer ainda bastante jovem, sobre «O Lugar de Pessoa na Poesia Moderna» — e Luiz Costa Lima, de sólida formação antropológica e profunda ancoragem no pensamento alemão. Há ainda a sublinhar, para além dos contributos do poeta concretista Haroldo de Campos, sobretudo no campo da teoria da tradução, as contribuições teóricas de Leyla Perrone-Moisés e o trabalho mais propriamente de crítica literária levado a cabo quer por especialistas mais voltados para a literatura brasileira como Fábio Lucas, Benedito Nunes, Donaldo Schüler, Domingos Carvalho da Silva ou Maria José de Queiroz, quer por aqueles que partilham os seus interesses pelas duas literaturas como Joaquim-Francisco Coelho — especialista em Drummond de Andrade e também muito interessado em Pessoa —, Nelly Novaes Coelho ou Massaud Moisés, quer ainda por personalidades votadas à publicação de estudos sobre a nossa literatura como Carlos Felipe Moisés, Cleonice Bernardinelli, Jorge Fernandes da Silveira, Leodegário A. de Azevedo Filho, Álvaro Cardoso Gomes, Beatriz Berrini, Maria Lúcia dal Farra — com um ensaio decisivo sobre a ficção de Vergílio Ferreira —, Paulo Franchetti — autor de uma das edições críticas de *Clepsydra* de Camilo Pessanha —, Lélia Parreira Duarte, Teresa Cristina Cerdeira da Silva ou Alberto da Costa e Silva.

Um amplo e diversificado conjunto de ensaístas estrangeiros assinou artigos na *Colóquio/Letras*. Umhas vezes parecem ser intervenções sem continuidade, para prestígio internacional da revista, dentro do domínio de investigação ou de interesse dos próprios autores — o que não implica, evidentemente, qualquer choque com as directrizes da publicação. Temos assim, em lugar cimeiro, um texto de poética de Roman Jacobson; outro, sobre vanguardas, de Adrian Marino; provindos de França, textos de Georges Mounin (sobre o estudo da literatura), Pierre Clarac (sobre Molière), Yves Gandon (sobre quatro contos) ou Robert André (sobre Stendhal); de Espanha, um artigo de Dámaso Alonso sobre o *Tirant-lo-Blanc*, dois de Francisco Ynduráin (um a propósito de *Don Duardos*, de Gil Vicente e outro sobre sociologia e literatura) e um, sobre Castela, de Ricardo Carballo Calero; de Inglaterra, Leonard Wilson Forster escreve sobre Günter Grass. Mais regulares e centrando-se no estudo da literatura portuguesa, da brasileira ou da dos países africanos de expressão portuguesa são os contributos de professores ou lusófilos. Franceses: Roger Bismut, Claude-Henri Frèches, Jean-Michel Massa, Yvonne David-Peyre, Bernard Emery e, mais recentemente, E. T. Dubois, Marie-Helène Piwnik e Catherine Dumas. Menção muito especial deve ser feita a três estudiosos que viveram em Portugal e todos, de algum modo, ligados a Fernando Pessoa. Referimo-nos a Pierre Hourcade, a Robert Bréchon — um dos mais regulares colaboradores da revista, com inúmeros ensaios sobre autores franceses, múltiplas e sempre interessantes Cartas de França e que acabou por dirigir, em anos mais recentes, na Christian Bourgois, a edição da obra de Fernando Pessoa, cuja biografia viria a dar à estampa — e a Patrick Quillier, que veio a editar na colecção Pléiade a poesia do autor português. De Espanha, para além da regular colaboração de críticos galegos na secção de recensões, devem reter-se os nomes de Figuera Valverde, Pilar Vázquez Cuesta — autora de Cartas de Espanha e que viria a coordenar os dois números temáticos sobre literatura galega editados pela revista, um dos quais conheceu reedição numa editora privada —, Ernesto Guerra Da Cal, a quem se devem monumentais estudos sobre Eça de Queirós, Félix Cucurrull — autor de inúmeras cartas de Barcelona — Juan Paredes Nuñez e Nicolás Extremera Tapia. De Itália, com uma longa tradição de estudos portugueses, Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, Giulia Lanciani, Ettore Finazzi-Agrò, Carlo Vittorio Cattaneo, e, mais recentemente, Roberto Vecchi, não esquecendo Antonio Tabuchi, redactor das iniciais Cartas de Itália. De Inglaterra, Stephen Reckert — autor de um extraordinário artigo sobre a concepção do tempo em três poetas portugueses e de

outro sobre a fono-estilística de Camilo Pessanha —, Jonathan Griffin, Giovanni Pontiero, Pamela Bacarisse, Patricia Anna Obder de Baubeta ou Michael Harland. Norte-americanos: Gregory McNab, Gerald Moser, Irwin Stern, William P. Rouble, Gerald Moser, John Parker, Rip Cohen — editor crítico das cantigas de amigo —, Ellen Sapega, Anna Klobucka, Linda Egan. E poderiam acrescentar-se muitos nomes, a começar pelo de Georg Rudolf Lind, estudioso de Pessoa, Vergílio Ferreira ou Suassuna; ou lembrar os holandeses August Willemsen — tradutor de Pessoa — e Mathias Langendorff, ou os nórdicos Johan Jarnaes e Ulla Trullemans.

Antes de se referirem mais concretamente os conteúdos ensaísticos da revista, lembre-se que esta sofreu uma evolução no sentido da publicação de números temáticos — na linha das «Homenagens» que vinha sendo seguida desde o início —, com a entrada de David Mourão-Ferreira para director. O primeiro desses volumes — número 85, de Maio de 1985 — foi integralmente destinado a comemorar o centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro, seguindo-se-lhe números dedicados a Fernando Pessoa (88), Cesário Verde (93), Mário de Sá-Carneiro (177/8), Camilo Castelo Branco (119), Antero de Quental (123/4), António Nobre (127/8), Irene Lisboa (131), David Mourão-Ferreira (145/6), Almada Negreiros e Mário de Andrade (149/50), José Saramago (151/2), Almeida Garrett (153/4) e João Cabral de Melo Neto (157/8). Temáticos são também os volumes dedicados à literatura galega (137/9), à literatura medieval portuguesa (142), a alguns importantes prosadores novecentistas (159/62) e às traduções de poesia de David Mourão-Ferreira (145/6). Este tipo de edição — com particular procura por parte do público — tem como objectivo principal fazer o ponto da situação dos estudos relativos a certos autores ou temas e por isso se torna, dentro desse âmbito, uma referência. Para além disso, permite corrigir grandes discrepâncias no conjunto de ensaios publicados na *Colóquio/Letras*: lembre-se, por exemplo, a quase insignificante ocupação de páginas dedicadas à literatura medieval até se ter dado à estampa o volume a ela dedicado; recorde-se que até à publicação dos números sobre Camilo, António Nobre, Antero e Garrett, o século XIX era quase exclusivamente tratado como o de Eça de Queirós; por fim, lamente-se que nunca a revista tenha publicado uma única página sobre Irene Lisboa até ao número 131! Os volumes monográficos tornam-se assim um estímulo à investigação, ao mesmo tempo que permitem a revelação de áreas de estudo em renovação e a de novos investigadores.

Como já foi referido, a revista publicou até hoje cerca de 1000 textos ensaísticos, sendo quase 70% dedicados à literatura portuguesa, que será focada mais adiante. Dos restantes, cerca de 8% são textos teóricos sobre a problemática literária e sua contextualização, 10%, artigos dedicados a literaturas estrangeiras, 9%, à literatura brasileira e 2%, a literaturas africanas de expressão portuguesa.

Uma boa parte dos artigos sobre teoria da literatura, história e crítica literária são assinados por José Guilherme Merquior, sobretudo preocupado em não isolar o fenómeno literário das suas condicionantes históricas, sociais e culturais e nelas tentando integrar a sua evolução a partir do Romantismo, frequentemente combatendo lugares-comuns sobre a posição dos intelectuais e criadores. Muito informado, o pensamento do ensaísta lê-se ainda hoje com bastante proveito e prazer, tal como os artigos de Vítor Manuel Aguiar e Silva («O Texto Literário e os Seus Códigos» — n.º 21 — e «A Leitura de Deus e a Leitura dos Homens» — n.º 100), os de Vergílio Ferreira («Da Verosimilhança» — n.º 8 —, «Do Eu, etc.» — n.º 19), os de Eduardo Prado Coelho, de Luiz Costa Lima, de Miguel Tamen, Gustavo Rubim, Manuel Frias Martins e aquela espécie de testamento de Jacinto do Prado Coelho sobre o «Conceito e Fronteiras do Literário». Sobre história literária e crítica disserta, em três ensaios, Leyla Perrone-Moisés, sendo também de interesse os textos de Margarida Losa, de Margarida Barahona, de Cristina Robalo Cordeiro e de Cristina Almeida Ribeiro. Mais especificamente sobre poética escrevem António Ramos Rosa, António Barahona e E. M. de Melo e Castro, aproximando-se bastante do tipo reflexivo de textos de autores como Autran Dourado, Fernando Namora, Armindo Trevisan e Casimiro de Brito. Os problemas levantados pelo ensino da literatura são pertinentemente analisados por Georges Mounin e por Maria Alzira Seixo, sendo a literatura posta em relação com a antropologia em texto de Luiz Costa Lima, com a psicanálise por Merquior, com a sociologia por Francisco Ynduráin, com problemáticas políticas por Mayone Dias, Walter Jens, Adrian Marino e Fábio Lucas. As relações com outras artes — cinema, música, pintura — são debatidas, respectivamente por Vergílio Ferreira, João de Freitas Branco e Mário Dionísio. O teatro é pensado em artigos de Erwin Theodor, Luiz Francisco Rebello e Maria João Brilhante. A tradução, tanto em termos teóricos quanto práticos, constitui o tema de artigos de Haroldo de Campos (sobre textos de Poe e textos de Dante), Maria Alzira Seixo, Boris Schnaiderman, Jonathan Griffin, Carlos Pitta, Alexis Levitin, August

Willemsen, Richard Zenith e João Barrento, tema este bastante acarinhado pela revista quer em recensões críticas quer na publicação de poesia traduzida de outras línguas.

Como seria de esperar numa revista fundada por romanistas e num país sob forte influência cultural da França, a literatura estrangeira mais presente nas páginas de *Colóquio/Letras* é justamente a francesa, em cerca de três dezenas de artigos. Uma vez aquando da celebração de efemérides, são tratados autores como Molière — cujo terceiro centenário da morte é lembrado no primeiro número temático publicado, o 16, em artigos de Pierre Clarac, Hernâni Cidade, Andréa Rocha e Luiz Francisco Rebello —, Diderot — cuja modernidade é posta em realce por Ofélia Paiva Monteiro, que também se ocupa da comemoração dos cem anos da morte de Victor Hugo —, ou Paul Valéry — de quem David Mourão-Ferreira traduz «Palma»; outras vezes, o pretexto para a redacção de um texto é um falecimento: caso de André Malraux, de Jean-Paul Sartre — cuja actividade como crítico literário é analisada, noutra ocasião, por Pierrette e Gérard Chalendar —, de Michel Foucault ou de Roland Barthes, de grande influência na prática crítica destas décadas, como provam os três artigos que lhe são dedicados; outras vezes ainda a literatura francesa aparece em exercícios de comparação com a portuguesa: num muito interessante artigo, em parte como resposta a Carlos Reis, Roger Bismut põe em cotejo *A Educação Sentimental*, de Flaubert, e *Os Maias*, de Eça de Queirós; Maria Alzira Seixo liga Romain Rolland a Carlos de Oliveira e a Vergílio Ferreira; Jorge Fernandes da Silveira estuda Nerval e Fiamma; Blaise Cendrars é por duas vezes lembrado nos seus contactos com os modernistas brasileiros; Camus é relacionado com Bernardo Santareno e com o dramaturgo brasileiro Dias Gomes; Marguerite Duras, que Eduardo Prado Coelho foca de um ponto de vista psicanalítico, é tratada num artigo sobre o mal conjuntamente com Torga e Paul Celan por José Augusto Mourão. Mas há também artigos exclusivamente dedicados a certos autores: Stendhal (por Robert André), Claudel (por Maria Filomena Vargas), Saint-John Perse (por André Siganos, que também apresenta *Le Clézio*), Breton (por Isabel Pires de Lima), Marguerite Yourcenar (por Clara Rocha), Apollinaire, Michaux, Caillois, e Barthes por Robert Bréchon cujo papel relevante na revista já fizemos notar.

À literatura galega foram integralmente dedicados dois números, o segundo dos quais é preenchido por «semblanzas» e conjuntos antológicos de Eduardo Pondal, Manuel Curros Enríquez, Ramón Cabanillas, Ramón Otero Pedrayo, Eduardo Blanco

Amor, Luís Seoane, Álvaro Cunqueiro e Celso Emilio Ferreiro, sendo que Rosalía de Castro e Castelao, que também aqui comparecem, já tinham sido tratados no primeiro desses volumes e que à poetisa galega António Manuel Couto Viana descobrira um «cantar» num livro de Eça. O *Tirant-lo-Blanc* assinala a presença excepcional de Dámaso Alonso, Cervantes é objecto de estudo por parte de Ana Hatherly e Luiz Costa Lima, três vultos da Geração de 98 — Azorín, Pío Baroja e Unamuno (presente ainda em muitas notas, dadas as suas relações com o nosso país e com escritores portugueses) são evocados por Álvaro Salema, Ortega y Gasset é lembrado na sua relação com a literatura por Jesús Herrero e Eduardo Lourenço escreve um magnífico artigo sobre Jorge Guillén, de quem, aliás, são publicados poemas inéditos. Blasco Ibañez, Menendez Pelayo e Antonio Machado comparecem em textos que os relacionam com a nossa literatura, sendo o último, na sua multiplicidade de vozes, comparado com a heteronímia pessoana em artigos de António Apolinário Lourenço e de E. M. de Melo e Castro.

William Beckford e Virginia Woolf são dois autores ingleses especialmente tratados na sua relação com Portugal, o primeiro por Nicolas Calas, a segunda por Mário Cláudio; também um dos ensaios sobre Joyce — o outro, de Luís de Sousa Rebelo analisa a «conquista da consciência total» por parte do escritor irlandês no centenário do seu nascimento — se debruça sobre os problemas levantados pela tradução de *Finnegans Wake* para a nossa língua, apresentando M. S Lourenço, que assina o texto, um excerto dessa versão; Eliot vê a sua *Waste Land* ser comparada por Ana Luísa Amaral com a *Cena do Ódio* de Almada e é um dos termos da Trindade (com Pound e Pessoa) que Palla e Carmo compõe; Blake, D. H. Lawrence e Dylan Thomas são estudados respectivamente por Ana Hatherly, Álvaro Pina e Fernando Guimarães, que propõe a tradução de alguns poemas.

Haroldo de Campos, como já referimos, ocupa-se da tradução de Poe, ao passo que Maria Irene Ramalho de Sousa Santos redige, no número dedicado a Pessoa, um texto onde disserta sobre a consciência poética do nosso autor e a de Wallace Stevens. Ezra Pound é evocado por Murilo Mendes (num texto de recordações pessoais em que também lembra Jean Cocteau e Pierre-Jean Jouve) e Álvaro Salema dedica um artigo à chamada «Geração Perdida».

Goethe é estudado por Haroldo de Campos e Teresa Salema (a germanista debruça-se sobre «Uma Aprendizagem da Economia do Génio» de Werther a Willem Meister); Rilke inspira artigos a António Ramos Rosa e a David Mourão-Ferreira, que

também escolheu a *Colóquio/Letras* para publicar o seu artigo sobre Thomas Mann; Heine e Garrett são correlacionados por Alfonso Montelongo e, como já foi referido, o inglês W. C. Forster apresenta aos leitores o romancista Günter Grass, ocupando-se Maria José de Queiroz de um *best-seller* recente: *O Perfume*, de Patrick Süskind.

Para além das Cartas de Itália, muito bem informadas, a presença italiana é escassa na publicação: reduz-se a dois belíssimos textos de Mourão-Ferreira — um sobre Miguel Ângelo poeta e outro sobre Gabriele D'Annunzio —, a um artigo de Luiz Francisco Rebello sobre Torquato Tasso e a um dedicado a Italo Calvino por Eduardo Prado Coelho.

Autores russos são lidos por Jorge Listopad — Maiakovski e Bulgakov —, Agustina Bessa-Luís e Robert Bréchon (ambos se debruçam sobre Dostoievski). Kafka comparece logo no primeiro número num texto de Vergílio Ferreira, Kavafis tem um poema não-canónico analisado por José Paulo Paes e o polaco Czeslaw Milosz, prémio Nobel, é apresentado por Ryszard Matuszewski. Da América Latina, Julio Cortázar é objecto de um artigo de Georg Rudolf Lind, ficando Jorge Luis Borges e Octavio Paz lembrados na secção de «Notas e Comentários».

A literatura brasileira foi sempre encarada como uma das prioridades da revista em termos de investigação, de criação, de crítica e de noticiário, uma tradição talvez herdada da *Atlântico*, que José Osório de Oliveira dirigiu. Ocupar-nos-emos por agora do aspecto ensaístico, fazendo notar que este se debruça com muito mais consistência e continuidade sobre autores e correntes do século XX. De qualquer forma, a revista apresenta um artigo de Maria Beatriz Nizza da Silva sobre «Tradução, Distribuição e Comércio do Livro no Brasil Colonial» e, partindo da ideia de que a Inconfidência Mineira representa o primeiro sinal de uma literatura independente da portuguesa, assinalamos o texto em que Maria José de Queiroz recorda os poetas ligados ao movimento: Cláudio Manuel da Costa e Tomás António Gonzaga. A mesma ensaísta comemora a passagem do centenário da morte de Bernardo Guimarães, Joaquim-Francisco Coelho recorda, no número 135/6, um «Stabat Pater» do romântico Fagundes Varela, Domingos Carvalho da Silva lembra o conjunto de poetas ligados à «Ideia Nova» e as polémicas em que se viram envolvidos. Henriqueta Lisboa compara o misticismo de Alphonsus Guimaraens com o de José Severiano de Rezende e duas personalidades pré-modernistas — Augusto dos Anjos e Lima Barreto — são objecto de textos de Gilberto Freyre e de Luís Fernando Valente. Posição muito especial

ocupa Machado de Assis a quem, mesmo antes de ser dedicado em parte o número 121/2 de *Colóquio/Letras* — com colaboração de Helder Macedo, Abel Barros Baptista, Paulo Pereira (os últimos focando *Dom Casmurro*), Maria da Piedade Moreira de Sá (analisando *Esau e Jacob* e *Memorial de Aires*), João Camilo dos Santos e Edilberto Coutinho (que se debruçam sobre aquele que também foi um extraordinário contista) — já José Guilherme Merquior situara superiormente na sua singularidade as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro onde Lídia Echeverría também se detivera.

Ao modernismo brasileiro, na figura de Mário de Andrade, a personalidade mais complexa do movimento, a revista dedicou — a par de Almada Negreiros — o número 149/50, que estuda vários aspectos da sua obra múltipla: em três artigos (de Massaud Moisés, Maria Augusta Fonseca, e Ettore Finnazi-Agrò) o romance *Macunaíma*, encarregando-se Maria de Santa Cruz da análise de *Amar, Verbo Intransitivo*; a relação da obra com a cidade foi tema para Renato Cordeiro Gomes, ao

passo que Severino Albuquerque escolheu a cena teatral. Entretanto, ainda no mesmo número, João Alexandre Barbosa analisa «As tensões de Mário de Andrade», e Délia Zanotto Manfio as suas leituras italianas. Mas já em números anteriores de *Colóquio/Letras* se tinham inserido textos sobre o autor: de Alfredo Bosi (n.º 8), de José Guilherme Merquior (número 72, estudando a poesia) e os seus companheiros de 22. De Arnaldo Saraiva (sobre a «divisão» dos Andrades — Carlos, Mário, Oswald); de Nelly Novaes Coelho (a natureza da visão-do-mundo da poesia de 22), de Lúcia Helena (sobre as primeiras proposições modernistas de Mário e Oswald de Andrade). Mais propriamente sobre Oswald de Andrade escreveram Haroldo de Campos (n.º 62, «Da Razão Antropofágica: a Europa sob o signo da Devoração»), Lúcia Helena (analisando os seus romances experimentais) e João Cezar de Castro Rocha, que no n.º 161/2, faz uma releitura do «Manifesto Antropófago», sendo a *Revista de Antropofagia* tema de uma das Cartas do Brasil de Nelly Novaes Coelho. Poetas próximos do modernismo como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Emílio Moura, Jorge de Lima ou Cecília Meireles marcaram forte presença na revista. O centenário de Manuel Bandeira foi comemorado no n.º 91, em belos artigos de Lêdo Ivo, Ivan Junqueira e Lúcia Helena, tendo, por sua vez, Maria Manuel Lisboa dedicado um ensaio à figura da mulher na obra do poeta (n.º 115/6) e Edson Nery da Fonseca estudado a sua relação com a poesia de Antero. Carlos Drummond de Andrade, colaborador assíduo da revista, à qual ofereceu vários

poemas inéditos, vê-se acompanhado por Emílio Moura e Murilo Mendes num artigo sobre a «Dimensão ‘Mineira’ da Poesia Modernista», de Laís Corrêa de Araújo (n.º 25), estudando Joaquim-Francisco Coelho (que aliás lembrará repetidamente o poeta na secção de «Notas e Comentários» — nos seus oitenta anos, em tradução para italiano, na sua relação com a Primavera) — o «Mal do Domingo» em Drummond e Shopenhauer (n.º 36), Giovanni Pontiero o tema do amor e editando Álvaro Cardoso Gomes um texto intitulado: «Carlos Drummond de Andrade — a Fala Essencial». A «Compreensão Portuguesa de Cecília Meireles» é exaustivamente estudada por Fernando Cristóvão, sendo a escritora um dos «Três Poetas Brasileiros Apaixonados por Fernando Pessoa» que Nery da Fonseca evoca em artigo inserto no volume dedicado ao poeta português; para além de ser estudada em «Notas e Comentários» por Maria da Glória Padrão e Ilka Brunhilde Laurito, respectivamente nos números 36 e 79, publicam-se-lhe na revista poemas inéditos de superior mestria (n.º 4) e correspondência com Maria Valupi e João Afonso. A Murilo Mendes (de que a revista publicou a tradução portuguesa, por Maria da Saudade Cortesão, de alguns poemas do livro *Ipotesi*, escrito originalmente em italiano), é dedicado um artigo de Alberto da Costa e Silva no n.º 100 e vários textos em «Notas e Comentários», por Fábio Lucas, Carlo Vittorio Cattaneo e Silvio Elia. A *Invenção de Orpheu* de Jorge de Lima é estudada por Lídia Echeverría no número 41, havendo múltiplas menções a Cassiano Ricardo, Joaquim Cardozo, Henriqueta Lisboa (que chegou a colaborar na revista), a Mário Quintana ou, mais jovens, a Vinícius de Moraes, Odylo Costa Filho ou Domingos Carvalho da Silva.

A João Cabral de Melo Neto dedicou *Colóquio/Letras* um número monográfico (157/8) no qual, para além de se recuperarem as primeiras críticas ao poeta no Brasil (Antonio Candido) e em Portugal (Óscar Lopes), se insere colaboração de Benedito Nunes, Luiz Costa Lima, Joana Matos Frias (em cotejo com Murilo Mendes), Eucanaã Ferraz, Manuel Simões, Antonio Carlos Secchin, João Almino, João Alexandre Barbosa, Roberto Vecchi, Sérgio Martagão Gesteira, Nicolás Extremera Tapía, Marta Peixoto, Rosa Maria Martelo, Maria Andresen de Sousa Tavares e Abel Barros Baptista. Reproduz-se um plano para a *Educação pela Pedra* e correspondência trocada com Clarice Lispector. A obra do poeta, que publica inéditos nos números 53 e 67, já fora estudado por John Parker num longo artigo intitulado «João Cabral: Um Sistema para Abordar Realidade». Conquanto diversos autores brasileiros — sobretudo da chamada Geração de 45 — editem poesia nas páginas da

revista e haja na secção de «Notas e Comentários» estudos relativos a Gilberto Mendonça Teles, Sebastião Uchoa Leite ou Carlito Azevedo, ensaios de maior envergadura contemplam apenas Haroldo de Campos («Leitura Finita de Um Texto Infinito: *Galáxias* de Haroldo de Campos»), por Inês Oseki-Dépré, Mário Chamie («*Objecto Selvagem* de Mário Chamie e a Poesia de Vanguarda no Brasil»), por Nelly Novaes Coelho) e Carlos Nejar (com dois artigos, um de Euryalo Cannabrava e outro de Donald Schüler).

A Bagaceira, de José Américo de Almeida, inaugura no Brasil o chamado Romance de 30, que tanta influência teria no neo-realismo português. O autor e essa sua obra são estudados na *Colóquio/Letras* por José Carlos Seabra Pereira (n.º 57), ocupando-se mais tarde Elisabeth Marinheiro de *Antes Que Me Esqueça*, em artigo intitulado «José Américo de Almeida e a Negatividade». De Graciliano Ramos, superior representante dessa corrente, a revista publica um longo inédito (o manuscrito «J. Carmo Ramos») e sobre a sua obra dois excelentes ensaios: de Lêdo Ivo, sobre *Caetés*, «Um Estranho no Ninho» (n.º 77); de Abel Barros Baptista, sobre *São Bernardo*, «Na Torre da Igreja Uma Coruja Piou ...» (n.º 129/30). Gilberto Freyre, escritor, é lembrado por Evaristo de Moraes Filho, sendo os dois ficcionistas estudados em maior número de páginas da revista dos maiores escritores de língua portuguesa: João Guimarães Rosa e Clarice Lispector. À obra do primeiro dedicam-se Leodegário A. de Azevedo Filho («O Discurso de Ficção em Guimarães Rosa»), Luiz Costa Lima («Mito e Provérbio em Guimarães Rosa»), Leyla Perrone-Moisés («Nenhures: Considerações Psicanalíticas à margem de Um Conto de Guimarães Rosa»), Michael Harland («Plotino e Jung na obra de Guimarães Rosa»), Maria Amália Johnson («A Paixão de Diadorim, segundo Riobaldo») e Inês Oseki-Dépré («A Tradução Francesa das *Primeiras Histórias* de João Guimarães Rosa» — e lembremos a correspondência trocada pelo autor com Murilo Mendes a propósito de traduções para italiano, cartas essas apresentadas na revista por João Nuno Alçada). Sobre Clarice Lispector escreve, entre outros autores, um colega de ofício, Osman Lins que, num excelente texto, examina «O Tempo em ‘Feliz Aniversário’»; Benedito Nunes («Clarice Lispector ou o Naufrágio da Introspecção»), Maria da Glória Padrão («A Paixão de GH segundo Nítido Nulo»), e Ana Luíza Andrade («*O Livro dos Prazeres*: a Escritura e o Travesti») completam o quadro de ensaístas que se debruçam sobre a obra da escritora, ainda objecto de cinco textos em «Notas e Comentários». «Osman Lins e Nova Cosmogonia Latino-Americana» é o título do

ensaio dedicado por Álvaro Manuel Machado ao autor de *Avalovara*, apresentando a revista ainda no domínio da ficção brasileira: textos de August Willemsen sobre os contos de Dalton Trevisan, de Fábio Lucas e de Lilian Preste de Almeida sobre Autran Dourado, de Georg Rudolf Lind sobre Ariano Suassuna e de Mário Martins sobre a arte poética dos cantadores nordestinos que aquele insere nas suas peças e no *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* e ainda de Wilma Arêas sobre Nélide Piñon. E tal como no caso dos poetas, muitos ficcionistas são estudados noutras secções: lembrem-se Humberto de Campos, Geraldo Vieira, Orígenes Lessa, Erico Veríssimo, Jorge Amado, Dinah Silveira de Queiroz, Murilo Rubião, Josué Montello, Haroldo Maranhão ou Rubem Fonseca, não esquecendo o memorialismo de Pedro Nava; críticos e polígrafos como Alceu Amoroso Lima, Augusto Meyer, Luís Viana Filho, Antonio Candido, José Guilherme Merquior, Leodegário A. de Azevedo Filho também são evocados nas páginas da revista.

Entretanto, a grande maioria dos textos ensaísticos de *Colóquio/Letras* — cerca de 70% do total de 978 — são dedicados ao estudo da literatura portuguesa, com especialíssima incidência nas seis primeiras décadas do século XX: cerca de 480 artigos, o que dá uma percentagem de 64%. Tendo em conta que os textos sobre a literatura oitocentista são 145, poder-se-á caracterizar a revista como especializada nos dois últimos séculos.

Com efeito, apesar de terem sido dedicados dois números especiais a áreas cronológicas anteriores ao século XIX — um sobre Camões, o 55, no 4.º centenário da sua morte, e outro, o 142, sobre literatura medieval — o total de artigos para essa época não ultrapassa os 67. Sobre os cancioneiros medievais publicaram-se artigos debatendo aspectos gerais (de Giuseppe Tavani, Mihai Zamfir, António Gedeão e Richard Zenith), sendo de sublinhar que todos os outros giram em torno de trovadores ou de ciclos de cantigas (Rip Cohen reconstitui o ciclo da «Sanhuda» de João Garcia de Guilhade — e foram editadas criticamente 22 cantigas de amigo do autor —, Ângela Correia e Yara Fratashi Vieira ocupam-se do chamado «escândalo das amas e tecedeiras», António Branco examina o obsceno em Afonso X, sendo os trovadores Pero Meogo e Afonso Sanches objecto de estudo, respectivamente, de Leodegário A. de Azevedo Filho e Maria José de Almeida e Sousa). Sobre textos historiográficos debruçam-se Pedro Picoito, António Branco, Elisa Esteves Nunes; José Carlos Ribeiro Miranda disserta sobre a adaptação da matéria da Bretanha em Portugal,

tendo Ana Maria Machado e Cristina Sobral feito incidir as suas análises sobre textos apologéticos, e João Dionísio — consultor para a feitura do referido número sobre matéria medieval — sobre o *Leal Conselheiro*, de D. Duarte. Fernão Lopes é lembrado num artigo de Flora Sussekind.

Há duas figuras dominantes nos estudos sobre o Renascimento: Gil Vicente e Camões. Sobre o primeiro escreve, por diversas vezes, e com uma visão inovadora, Osório Mateus, apresentando ainda a revista um belo artigo de Mário Martins sobre a obra do dramaturgo e os Livros de Horas e um ensaio de Francisco Ynduráin sobre *Dom Duardos*, peça escrita em castelhano. A Camões são dedicados 21 artigos: sobre *Os Lusíadas*, salientem-se dois de António José Saraiva — absolutamente notável aquele que dedica ao emprego dos tempos verbais na epopeia —, um de André Rocha e, mais recentemente, o estudo inovador de João Ricardo Figueiredo. Da lírica ocupa-se Maria Vitalina Leal de Matos (vendo no soneto «O dia em que eu nasci...» o autorretrato do poeta, e revelando a arquitectura de «Sôbolos rios ...»), Vítor Manuel Aguiar e Silva, expondo, no número 99, Leodegário A. de Azevedo Filho os seus princípios metodológicos para o estabelecimento do cânone. Osório Mateus examina *El-Rei Seleuco*, apresentando ainda a revista artigos algo contundentes contra ideias desenvolvidas por Jorge de Sena (a numerologia de *Os Lusíadas*) e por José Hermano Saraiva quanto à vida do poeta. Este é ainda alvo de variadíssimos artigos (um, de Joel Pontes, fala do «Camões de cordel» dos cantadores populares brasileiros; outro, de João Medina, vê a figura do poeta como fazendo parte, ao lado do Zé Povinho, da prototipia nacional...), sendo mais relevantes aqueles que o ligam a outros autores: Góngora (por Eduardo Lourenço), Miguel Leitão de Andrade (por António Cirurgião) e José de Macedo (por Lucília Gonçalves Pires). A abundância de estudos camonianos não tem comparação possível com aqueles dedicados aos seus contemporâneos: de qualquer forma, salientam-se pela qualidade e originalidade os ensaios de Helder Macedo e Mário Martins sobre a obra de Bernardim Ribeiro, o trabalho de Rip Cohen sobre a estrutura formal das *Trovas de Chrisfal*, os estudos sobre Sá de Miranda (de José Adriano de Carvalho, Vitalina Leal de Matos e Heitor Gomes Teixeira), António Ferreira e Frei Agostinho da Cruz. Quanto à literatura de viagens, apenas há dois artigos sobre Fernão Mendes Pinto (de Alfredo Margarido e Horácio Costa), embora Armando Martins Janeira chame a atenção para Luís Fróis e a sua *História do Japão* e José de Anchieta seja estudado, como é natural, por autores brasileiros. Estes — nomeadamente Affonso Ávila e Maciel Silveira — parecem

também os principais interessados na figura e na obra de António Vieira, embora Margarida Vieira Mendes assine um notável artigo sobre os mecanismos da memória ao serviço da estética vieiriana (n.º 110/1). A mentalidade de D. Francisco Manuel de Melo é estudada por Joel Serrão, as *Lettres Portugaises* são lembradas num artigo de E. T. Dubois, a *Arte de Furtar* é comparada com o *Lazarillo de Tormes* e o *Buscón* por Mário Martins, sendo a função do «gracioso» nas óperas do Judeu estudada por Paulo Pereira, ao passo que Bernard Emery se ocupa do Homem e do Diabo nas *Obras do Diabinho da Mão Furada*. Por fim, anunciando o Romantismo, Carlos Filipe Moisés assina um artigo sobre Bocage.

Cinco dos grandes autores do século XIX português foram estudados em números monográficos de iniciativa da revista. Trata-se de Almeida Garrett (n.º 153/4), Camilo Castelo Branco (n.º 119), Antero de Quental (n.º 123/4), Cesário Verde (n.º 93) e António Nobre (n.º 127/8). É evidente que o conteúdo destes números — que se pretendem abrangentes — depende em muito da disponibilidade dos colaboradores para tratarem dos temas que a revista propõe, de forma a constituírem conjuntos dialecticamente articulados. Resultam, pois, num compromisso entre a *Colóquio/Letras* e o estado da investigação em dadas matérias, mas contribuem por vezes para iluminar novos caminhos, pistas ainda não completamente abertas. Sendo cronologicamente o último publicado, o volume respeitante a Garrett revela-se bastante inovador e constitui simultaneamente uma panorâmica bastante aberta sobre a múltipla actividade do autor. Assim, o jornalista — editor de um jornal para senhoras — é estudado por Orlanda Azevedo e Ernesto Rodrigues; o educador por Fernando Augusto Machado; o cultor da língua por Telmo Verdelho e Coimbra Martins; Ofélia Paiva Monteiro revela aspectos até agora desconhecidos nos «Contos» e «Fábulas»; o poeta é estudado por Américo Lindeza Diogo, Vieira Pimentel, Gustavo Rubim; as *Viagens* por António M. Feijó, Miguel Tamen, Victor Mendes e Ângela Varela. Garrett, entretanto, já fora objecto de estudo noutros números da revista: Ofélia Paiva Monteiro reflectira, no n.º 30 — aliás, sem ser dito explicitamente, dedicado ao Romantismo, tal como o seguinte o será em relação ao Realismo — sobre a novelística; Helder Macedo, como é seu timbre, expusera um ponto de vista original sobre as *Viagens* no n.º 51; e há ainda artigos de Alfonso Montelongo, Lélia Parreira Duarte e António Américo Lindeza Diogo respectivamente nos números 134 — os dois primeiros textos — e 147. Sobre a obra do outro introdutor do Romantismo em Portugal, Alexandre Herculano, há apenas três artigos: Ana Cristina César compara a

figura do Bobo em Poe e Herculano (n.º 35), Luiz Francisco Rebello estuda a dramaturgia (n.º 37) e Jacinto do Prado Coelho a poesia (n.º 41). Castilho é simpaticamente revisto por Osório Mateus no n.º 28, salientando o ensaísta o seu papel pioneiro em termos de alfabetização popular e profissionalização do escritor; no mesmo número, Bernard Martocq evidencia a forma como a tradução de uma peça de Molière se encontra repleta de alusões à situação literária em Portugal. Camilo Castelo Branco figura no primeiro número de *Colóquio/Letras* através da análise do conto «História de Uma Porta» por Jacinto do Prado Coelho; a sua poesia será analisada por Osório Mateus no n.º 30; *A Enjeitada* e o romanesco camiliano, de forma superiormente irreverente, por Agustina no n.º 54 e Bernardette Herdeiro examinará as relações entre vida e correspondência no n.º 86. Inteiramente dedicado a Camilo é, como já foi dito, o número 119, com colaborações de Óscar Lopes, Maria de Lourdes Ferraz, Maria Alzira Seixo, Abel Barros Baptista, Annabela Rita, João Camilo dos Santos, Gustavo Rubim, Maria Fernanda de Abreu, Luiz Francisco Rebello, Maria Helena da Rocha Pereira, Martins Garcia, Eugénio Lisboa, Alexandre Cabral e João Bigotte Chorão — e deste número ressaltam bem a modernidade e o alto sentido da ironia do escritor. Posteriormente, a revista ainda dará à estampa artigos camilianos de Maria Helena Nery Garcez e de Helder Macedo, este último (n.º 125/6) acerca da fragmentação e unidade em *A Brasileira de Prazins*.

Júlio Dinis é estudado em artigos de Irwin Stern (n.º 30, numa comparação com Jane Austen) e Liberto Cruz, que se ocupa do sentido social da obra (n.º 7). O teatro romântico é objecto de um comentário de Duarte Ivo Cruz no n.º 94 e José-Augusto França examina a «fisiologia» do capitalista no teatro do primeiro período do Fontismo (n.º 30).

Embora *Colóquio/Letras* nunca tenha dedicado um número monográfico à obra de Eça de Queirós, ela é tratada em pelo menos 30 artigos da revista, a começar por uma perspectiva de conjunto da autoria de Cleonice Bernardinelli. Nos números 86, 97 e 98, Ofélia Paiva Monteiro expõe as provas de que em *O Mistério da Estrada de Sintra* se desenvolve um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca, apresentando a publicação, ao longo da sua história, artigos sobre *O Crime do Padre Amaro* (Pedro Luzes, n.º 97), *O Primo Basílio* (Johan Jarnaes, n.º 40 e João Medina, n.º 46), *A Relíquia* (Manuel da Costa Fontes, n.º 31, Carlos Reis, n.º 100), *Os Maias* (Margarida Vieira Mendes, n.º 21, Roger Bismut, n.º 69, Alberto de Lacerda, n.º 72, Isabel Pires de Lima, n.º 103, Ângela Varela, n.º 121, Maria Manuel Lisboa, n.º 147),

Uma Campanha Alegre (Annabela Rita, n.º 108), *A Ilustre Casa de Ramires* (Beatriz Berrini, n.º 121), *A Cidade e as Serras* (Alexandre Pinheiro Torres, n.º 31, Beatriz Berrini, n.º 97, Marie-Helène Piwnik, n.º 121), «José Matias» (Juan Paredes Nuñez, n.º 83), *O Conde d'Abranhos* (Annabela Rita, n.º 73) e a *Tragédia da Rua das Flores* (Margarida Vieira Mendes, n.º 63), para além de textos sobre «O Réu Tadeu» (Joel Serrão, n.º 80), a correspondência (Beatriz Berrini, n.º 102), o «francesismo» (João Medina, n.º 10), o Satanismo (Manuel dos Santos Alves (n.º 75), a ópera (Mário Vieira de Carvalho, n.º 91) ou as (más) traduções para espanhol de Valle-Inclán (!). Já Antero de Quental, sobre quem a revista publicara anteriormente alguns artigos (de Carlos Felipe Moisés, n.º 41, de Andrés Romarís Pais, n.º 69, de Joel Serrão, n.º 76, de António José Saraiva (n.º 103 e 106), viu ser-lhe dedicado integralmente o n.º 123/4, com artigos relacionando-o com a Antiguidade e com a cultura alemã, respectivamente por Maria Helena da Rocha Pereira e Manuela Delille; comparando a sua pedagogia social com a de Castilho (António Ribeiro dos Santos); encarando-o dos pontos de vista político (Piteira Santos), poético (Carlos Reis, Maria Aliete Galhoz, Nuno Júdice, Mário Garcia) e filosófico (Joel Serrão, Eduardo Lourenço, Óscar Lopes); examinando quer a sua projecção na Europa e no Brasil (Ferreira de Brito, Alberto da Costa e Silva), quer as suas relações com outros poetas portugueses (em artigos de José Carlos Seabra Pereira, Paula Morão, Fernando Guimarães, Eugénio Lisboa, e Vieira Pimentel). *Colóquio/Letras* publicou ainda um curioso texto de João Medina sobre a peça de Ernesto Biester, *Os Sabichões*, endereçada precisamente contra a Geração de 70 e dois artigos panorâmicos de António Machado Pires sobre o naturalismo português (n.º 22 e 31).

A dois grandes poetas oitocentistas, Cesário Verde e António Nobre, foram dedicados números especiais: o 93 e o 127/8. No primeiro deles, Joel Serrão, Helder Macedo, Georg Rudolf Lind, Stephen Reckert, John Laidlar, Alfredo Margarido, Helena Buescu, José Carlos Seabra Pereira, David Mourão-Ferreira colaboram com ensaios, publicando poesia alusiva ao autor de *O Sentimento dum Ocidental* Sophia de Mello Breyner Andresen, Salette Tavares, Eugénio de Andrade, António Manuel Couto Viana, António Ramos Rosa, Henrique Segurado e Pedro Tamen. Este número contém ainda o último dos Inquéritos lançados a escritores e que tinham abordado assuntos como «O futuro do Português como língua literária em África» (Setembro de 74), «Vanguarda ideológica e vanguarda literária» (Janeiro de 75), «Orpheu» (Julhode 75), «Literatura teatral» (Novembro de 78), «Surrealismo» (Julho de 79), «Teoria da

literatura e ficção» (Novembro de 81), «Intertextualidade» (Setembro de 1983) e o significado das obras de Aquilino Ribeiro e de Fernando Pessoa (respectivamente em Maio e Setembro de 1985). Mas tal como acontece com Nobre, Cesário já fora tema de ensaios na revista — logo no primeiro número, Andréa Rocha interrogava-se sobre a possibilidade de um Cesário barroco; num muito interessante artigo, onde luta contra o seu próprio gosto, Vergílio Ferreira relê o poeta (n.º 31) — e voltará a sê-lo: por Annabela Rita e Ricardo Daunt no n.º 125 e por David Mourão-Ferreira no último artigo que publicou na *Colóquio/Letras*: «Cesário e Camões: Uma Leitura Complementar de ‘O Sentimento dum Ocidental’». O número dedicado a Nobre conta com a colaboração de Vergílio Ferreira, José Carlos Seabra Pereira, Maria Ema Tarracha Ferreira, Maria Helena Nery Garcez, Alfredo Margarido, Fernando Pinto do Amaral, Manuela Delille, Fernando J. B. Martinho, Rui Carreteiro, Fernando Cabral Martins, Mário Cláudio, Manuela Parreira da Silva, Maria Teresa Arsénio Nunes e, sobretudo, Vera Lúcia Vouga que estudou pormenorizadamente o espólio do poeta nas Bibliotecas Municipais do Porto e de Matosinhos, o que lhe permitiu não só seguir o percurso genético de um soneto dedicado a Alberto de Oliveira depois eliminado na segunda edição do *Só*, bem como publicar cartas inéditas do autor. Nobre fora já tratado na revista em dois artigos de Maria Madalena Gonçalves (n.º 101 e 113/4), num texto de Isabel Cardigos sobre os «Figos Pretos» (n.º 120), vindo ainda Edson Nery da Fonseca a estudar motivos monásticos na sua poesia no n.º 135.

Consideremos agora ensaios sobre autores que, tendo-se estreado na escrita ainda no século XIX, prolongaram a sua actividade literária pelas primeiras décadas do século XX. Alguns deles, como Eugénio de Castro e Júlio Dantas — ambos estudados por José Carlos Seabra Pereira: no n.º 113/4, comemora o centenário de *Oaristos*, e, no n.º 34, filia *Nada*, de Júlio Dantas, no decadentismo — conservar-se-ão pela vida fora fíeis às convenções literárias da sua juventude; outros, como o Conde de Monsaraz — cuja poesia é analisada por Rosa Maria Martelo no n.º 125 —, Teixeira Gomes, Teixeira de Pascoaes e sobretudo Raul Brandão deixarão, pela evolução da sua escrita, marcas bem singulares na literatura novecentista. Guilherme de Castilho, biógrafo de Brandão, inaugura a série de artigos sobre a obra do escritor, com um texto a propósito de *A Farsa* (n.º 2); *Húmus*, por sua vez, será analisado por Maria Idalina Resina Rodrigues (n.º 45), Raul Lourenço (n.º 134) e Luís Mourão (n.º 159). *Colóquio/Letras* publicou ainda inéditos de Brandão: cartas e um comovente texto sobre o «Natal dos Mortos». Apesar de Jacinto do Prado Coelho ter sido um estudioso

de Pascoaes, a revista apenas insere um artigo, de Luiz Francisco Rebello, sobre a sua relação com o teatro (n.º 45) — embora seja apresentado, logo no primeiro número, um longo inédito intitulado «A Alma Ibérica» bem como um razoável número de cartas, duas destinadas ao lusista catalão Ribera i Rovira (cartas que se relacionam, por um lado, com a ida do escritor à Catalunha e, por outro, com a tradução de *Húmus*, de Raul Brandão, para espanhol), e doze para Mário Beirão, entre Maio de 1912 e Maio de 1946. A M. Teixeira-Gomes, cujo conto «Gente Singular» se vê analisado no n.º 24 por David Mourão-Ferreira, é também dedicado um artigo de Christine Zurbach (n.º 125). O conjunto de cartas do autor de *Agosto Azul* publicado pela revista revela-se extremamente interessante quer por se tratar de um dos nossos grandes epistológrafos quer por essas cartas testemunharem fases bem diferentes da sua vida. Assim, é enquanto Ministro em Londres, em 1912, orador acarinhado por senhoras em Stratford-on-Avon, que escreve a Afonso Lopes Vieira; é como auto-exilado no Bougie, nos seus últimos anos de vida, a partir de 1929, que escreve a José Osório de Oliveira e que, praticamente cego, agradece em 1940 o envio de *Solidão* a Irene Lisboa. Lopes Vieira, a quem José Carlos Seabra Pereira dedica uma nota a uma das suas obras quase desconhecidas — o *Conto de Natal* — e que Cristina Nobre, no n.º 155/6, tenta divisar entre os seus contemporâneos modernistas, está sobretudo presente na revista na forma calorosamente convival que manteve em vida, quer através de cartas enviadas — a Agostinho de Campos, a Hernâni Cidade — quer através de correspondência recebida: em 1907-8, de Fialho de Almeida (queixando-se sempre do seu «cataléptico» Alentejo); em 1911, de Manuel Laranjeira; em 1922, de António Sérgio e de Aquilino, que estivera no Pedrógão a preparar a sua *Batalha sem Fim*. Ainda autor entre dois séculos — e duas civilizações — é Venceslau de Moraes, cujas traduções de haikai foram estudadas no n.º 110/11 pelo brasileiro Paulo Franchetti.

Por comodidade de exposição, os autores do século XX serão referidos por ordem da década da sua estreia em livro, embora um caso como o de Camilo Pessanha (com poemas publicados em jornais a partir de 1899, com colaboração na revista *Centauro*, de 1916, mas só editado em livro em 1920), não seja fácil de «cabem» em tal metodologia. De qualquer forma, lembraremos que na revista se comemoram os centenários de Veiga Simões (Albano Nogueira, n.º 104/5) e de Augusto Casimiro (António Cândido Franco, n.º 110/11); que João de Barros foi lembrado num artigo de José Carlos Seabra Pereira, «Os Combates de Anteu» (n.º 64); que o mesmo

articulista se debruçou sobre *Comigo*, de Manuel Laranjeira, de quem a revista também publica duas cartas inéditas dirigidas a Miguel de Unamuno, documentos impressionantes sobre a situação política portuguesa: a primeira, de 1908, testemunha a reacção de Laranjeira ao regicídio; a segunda, de 1911, é um lamento ainda actual: «Um dos flagelos de Portugal era o analfabetismo do povo; agora, chove-nos mais esta praga, — o analfabetismo dos doutores.» Notáveis são igualmente as cartas de António Sérgio, duas dirigidas em 1923 a Afonso Lopes Vieira e uma de 1933 para José Osório de Oliveira — e o prosador e crítico literário que Sérgio também foi é analisado por Álvaro Salema no n.º 76. Jaime Cortesão e Fidelino de Figueiredo são homenageados pela *Colóquio/Letras*: o primeiro, no n.º 93, com textos de Óscar Lopes (sobre a prosa, com especial incidência nas *Memórias da Grande Guerra*), de Luiz Francisco Rebello (sobre o teatro, visto como um parêntesis na obra) e de David Mourão-Ferreira (sobre a poesia); o segundo, no n.º 112, com textos de Cleonice Bernardinelli, Soares Amora e García Morejón. Do teatro de António Patrício é dada uma visão de conjunto por Fernando Matos Oliveira (n.º 147/8), leituras de *O Fim* por Urbano Tavares Rodrigues (n.º 3), de *Serão Inquieto* por Massaud Moisés (n.º 125/6) e de um dos contos desta colectânea, «O Veiga», por Jorge Martins Trindade (n.º 134).

«De Verlaine a Camilo Pessanha e Fernando Pessoa», texto assinado por Jacinto do Prado Coelho no n.º 26, é um título que mostra bem a posição de charneira entre dois séculos por parte do autor de *Clepsydra*, posição essa patente no artigo de Fernando Guimarães (n.º 60) «Camilo Pessanha e os Caminhos de Transformação da Poesia Portuguesa». Com um *corpus* poético muito reduzido, onde por vezes a dissolução do sentido e a instalação da sugestão se fazem pelo predomínio da musicalidade, Pessanha vê a sua fono-estilística analisada por Stephen Reckert (n.º 129), também autor de «O Cisne e a Cigarra: Quatro Poetas em Três Tempos» (n.º 34), sendo precisamente Pessanha um deles, sobre o qual também se debruçam Anna Kobluka (n.º 104) e Gustavo Rubim (n.º 129). Este último investigador «ensaia» uma edição de *Clepsydra* publicada em separata do n.º 155/6, que integra um texto de índole mais biográfica sobre a relação do poeta com Ana de Castro Osório e o problema ainda hoje não resolvido da acessibilidade ao público da doação de peças de arte chinesa feita pelo escritor. O artigo é assinado por António Osório, que facultou a publicação das duas cartas de Pessanha à sua amiga bem como a resposta dela, assim se esclarecendo definitivamente um dos mistérios da vida do poeta. Já tinham sido

publicadas na revista (n.º 29), superiormente anotadas por Pedro da Silveira, duas importantes cartas enviadas em 1916 e 1917 a Henrique Trindade Coelho, nas quais o poeta comenta com verdadeira acrimónia os meses passados em Lisboa (1915-16), durante os quais Ana de Castro Osório terá recolhido os poemas insertos na *Clepsydra*, que viria a publicar em 1920 na editora de que era proprietária.

Na segunda década do século XX estreia-se na escrita um conjunto de autores onde, simplificando um tanto, podemos detectar a génese das principais tendências da literatura portuguesa contemporânea: os modernistas (Sá-Carneiro, Pessoa, Almada Negreiros, Ângelo de Lima, Mário Saa), o protopresencista Afonso Duarte, os protoneo-realistas Ferreira de Castro e José Gomes Ferreira e aquele cultor, moderno e cosmopolita, do romance regional, à Camilo, que foi Aquilino Ribeiro. Da sua herança, cruzada com outras influências e moldada pela evolução de cada um, parece viver ainda hoje a nossa literatura. A algumas destas figuras foram dedicados números especiais — Sá-Carneiro, Pessoa, Almada, Aquilino —, outras viram-se homenageadas com conjuntos de artigos — Ferreira de Castro, José Gomes Ferreira — e outras ainda contempladas com algumas leituras. Começando pelas últimas, refiram-se Afonso Duarte — de que José Carlos Seabra Pereira estuda, no n.º 47, *Lápides e Outros Poemas* e a *Obra Poética* —, dos autores ligados ao modernismo, Ângelo de Lima — sobre quem, no n.º 5, Fernando Guimarães escreve —, Mário Saa — igualmente analisado por Fernando Guimarães (n.º 3) e por Arnaldo Saraiva (n.º 88), e de quem são revelados dois poemas inéditos no n.º 64) —, podendo ainda registar-se artigos sobre Mário Beirão — António Cândido Franco detecta influências suas em Teixeira de Pascoaes (n.º 17/8) —, Florbela Espanca — cujo centenário é comemorado no n.º 132 por Maria Lúcia Dal Farra —, Aleixo Ribeiro — em nota de Álvaro Salema no n.º 99 — ou Ramada Curto — que Duarte Ivo Cruz lembra no n.º 91. Ferreira de Castro foi homenageado no n.º 21, com artigos de Alexandre Pinheiro Torres, Hernâni Cidade e Fernando Cristóvão, tendo a revista publicado no n.º 104 um artigo sobre *A Selva*; José Gomes Ferreira, para além da homenagem que lhe é prestada no n.º 53 por Fernando J. B. Martinho, Maria Lúcia Lepecki e Carlos Reis, fora estudado por Carlos Felipe Moisés no n.º 19 — contradição e recusa na sua poesia participante — e voltaria a sê-lo no n.º 84 por Alexandre Pinheiro Torres.

Artigos sobre Aquilino Ribeiro preenchem por completo o n.º 85, sendo de primeira água os ensaios preparados por Óscar Lopes, Eduardo Lourenço, Maria Alzira Seixo e David Mourão-Ferreira, num volume em que também colaboram

Alfredo Margarido, Carlos Reis, Alexandre Pinheiro Torres, Urbano Tavares Rodrigues, Françoise Massa, Duarte Ivo Cruz, e em que José Ribeiro dos Santos traça o perfil do escritor. Um belo texto deixado inacabado pelo escritor e uma penetrante carta-crítica de Vitorino Nemésio completam o número. Eduardo Lourenço volta a escrever sobre uma das tensões aquilínias — Eros e Cristo — no n.º 100, havendo uma reunião de artigos sobre o prosador no n.º 115/6, com textos de Henrique Almeida, Urbano Tavares Rodrigues e David Mourão-Ferreira.

Fernando Pessoa é o autor a que a revista maior número de artigos dedica: mais de meia centena, abrangendo variados aspectos da sua obra, inclusive o das modalidades de existência da mesma. O influxo de Pessoa foi crescendo ao longo do século, fruto também da investigação do espólio, depositado a partir dos anos 80 na Biblioteca Nacional. Questões genéricas como as da relação entre filosofia e poesia ou entre paganismo e cristianismo são postas por Benedito Nunes (n.º 20) e Luís de Sousa Rebelo (n.º 104/5), mas é José Guilherme Merquior, num último artigo publicado na *Colóquio/Letras* (n.º 108), que situa Pessoa na poesia moderna, no que pode ser visto como o fecho de de uma longa série de ensaios em que o autor é confrontado com a tradição (clássica, em artigos de Maria Teresa Schiapa de Azevedo — n.º 106 —, e de Costa Ramalho — n.º 88 —, oitocencista, em ensaios de Jacinto do Prado Coelho — n.º 26 —, de Joel Serrão — n.º 88 —, de Helder Macedo — n.º 103 —, de Maria Madalena Gonçalves — n.º 113), com a produção literária sua contemporânea (de língua inglesa, em artigos de Maria Irene Ramalho de Sousa Santos — n.º 88 —, de José Palla e Carmo — n.º 95 —, de Suzette Macedo —, n.º 107; de língua portuguesa, em textos de Teresa Rita Lopes — n.º 3 e n.º 117/8 e Arnaldo Saraiva — n.º 43), com a sua repercussão na literatura portuguesa e brasileira (em artigos de Fernando Martinho — n.º 97 e 88 —, Edson Nery da Fonseca e Lêdo Ivo — n.º 88.) A heteronímia é discutida por Maria Augusta Babo — n.º 108 —, Arnaldo Saraiva — n.º 88 —, Luísa Couto Soares — n.º 75 — Leyla Perrone Moisés — n.º 88 — e António M. Feijó (n.º 140/1 e 155/6). Pessoa ortónimo, em particular o autor de *Mensagem*, é estudado por Carlos Silva Carvalho — n.º 62 — António Apolinário Lourenço — n.º 113/4 e Alfredo Margarido — n.º 23 e 84. Alberto Caeiro é tema para Carlo Vittorio Cattaneo — n.º 50, Maria de Lourdes Belchior e José Martins Garcia — n.º 88; Álvaro de Campos para Joaquim-Francisco Coelho — n.º 71, 88, 107 e Nuno Júdice — n.º 104/5; Ricardo Reis para Maria Fernanda de Abreu — n.º 88 — e Fernando Patrício de Lemos — n.º 113/4. O *Livro do Desassossego* de Bernardo

Soares, de que saiu a primeira versão em 1982, deu origem a inúmeros textos: de Silvina Rodrigues Lopes — n.º 77 e 102 —, José Martins Garcia — n.º 83 —, Alfredo Margarido — n.º 88 —, Onésimo Teotónio Almeida — n.º 97 —, Sidónio Paes, Gustavo Rubim e Fernando Cabral Martins — n.º 155/6. De problemas de investigação e editoriais ocuparam-se Ivette Centeno, Teresa Rita Lopes e Françoise Laye (respectivamente nos n.º 54, 125/6 e 155/6, tendo a saída de novos livros dado origem a textos de Jacinto do Prado Coelho — n.º 13 —, José Augusto Seabra — n.º 20 — e Ivette Centeno (n.º 49). Não pretendendo dar a indicação exhaustiva nem dos ensaios sobre a obra de Pessoa nem dos muitos inéditos saídos na revista, assinale-se a publicação de um diário de 1906 transcrito por Teresa Sobral Cunha no n.º 95 e de textos sobre o Ditador e a ditadura no n.º 100.

Tal como foi referido, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros foram homenageados pela *Colóquio/Letras* com números monográficos, respectivamente o 117/8 e o 149/50. O primeiro abre com um artigo de Eduardo Lourenço, «Suicidária Modernidade» e prossegue com textos de Helder Macedo e Marina Tavares Dias, mais voltados para aspectos biográficos; da ficção ocupam-se Nuno Júdice, Lino Machado, Paula Morão, Ellen Sapega e Teresa Rita Lopes; da poesia, Alberto de Lacerda, Clara Rocha, José Augusto Cardoso Bernardes, José Carlos Seabra Pereira; da relação com outros autores, Fernando Cabral Martins, David Mourão-Ferreira, Eugénio Lisboa, Fernando J. B. Martinho e Fernando Pinto do Amaral. O número foca ainda o caso de Violante de Cysneiros (heterónimo efémero de Armando Côrtes-Rodrigues), num artigo de Anna Koblucka e numa nota de Alfredo Margarido. Contém ainda a análise de dois cadernos de Francês do jovem autor, cujo conteúdo é comentado por François Castex e cartas inéditas enviadas por Pessoa a contemporâneos espanhóis, comentadas por Manuela Parreira da Silva. A obra e figura de Sá-Carneiro já tinham sido abordadas noutros números: por Teresa Rita Lopes — n.º 3 —, António Vieira — n.º 66 —, Pamela Bacarisse — n.º 75 —, João Barrento — n.º 94; posteriormente ao número temático sairiam artigos de Maria Teresa Arsénio Nunes, sobre a correspondência com Pessoa, e de Luís Sobreira sobre a relação de *Jogo da Cabra Cega*, de Régio, com *A Confissão de Lúcio* (n.º 140/1).

Testemunho pessoal sobre o autor, «À Primeira Vista», de Victor Silva Tavares, abre o volume dedicado a Almada Negreiros. Osvaldo Manuel Silvestre aborda os primeiros textos em prosa, Nuno Júdice o ensaio, Gustavo Rubim a poesia, Maria de Fátima Marinho «Frisos», Paulo de Medeiros faz uma leitura psicanalítica do poema

«La lettre», Fernando Cabral Martins lê *A Invenção do Dia Claro*, Maria Heloísa Dias o conto «O Cágado», Álvaro Cardoso Gomes *Nome de Guerra*, debruçando-se Carlos Couto S. C. sobre as investigações numerológicas e Vera Vouga sobre a interpretação dos painéis de Nuno Gonçalves. São ainda reveladas duas cartas inéditas enviadas a Fernando Amado e quatro textos inéditos, um deles sobre a figura do pai. Sobre Almada, *Colóquio/Letras* já publicara textos de Gregory MacNab (n.º 35), Alberto Pimenta (n.º 79), Isabel Allegro de Magalhães (n.º 95), Ana Luísa Amaral, que compara a *Cena do Ódio* com *The Waste Land* de T. S. Eliot, e Ellen Sapega que tenta uma reavaliação da amizade estética entre Pessoa e Almada (n.º 113/4).

A geração da *Presença*, de que se falará agora, é a primeira em Portugal a aperceber-se da importância dos primeiros modernistas, quer publicando tábuas bibliográficas sobre eles, quer pedindo-lhes (e publicando-lhes) textos — *Colóquio/Letras* revelou a primeira carta enviada por Pessoa a Régio — quer ainda editando-lhes livros (*Indícios de Ouro*, de Sá-Carneiro, sai em 1937 nas edições *Presença*). Será também por influência de Gaspar Simões que a Ática editará os primeiros volumes de poesia de Pessoa e a Portugália o *Nome de Guerra* de Almada. Entre os presencistas, José Régio é o autor mais estudado nas páginas de *Colóquio*: logo no n.º 11, três artigos — de Adolfo Casais Monteiro («Esboço da Figura de José Régio»), de Eduardo Lourenço («As Confissões Incompletas ou a Religião de Régio») e de Fernando Mendonça («Semiologia dos Acontecimentos na Ficção de José Régio») —, acompanhados de um extenso inédito, «Rascunhos para o 6.º volume de *A Velha Casa*»; no n.º 18, de Duarte Faria, «Um Fantástico de Imersão Social em José Régio»; no n.º 38, dedicado à *Presença*, «José Régio: Uma Poética do Teatro», por Osório Mateus e «Repensar (Hoje) o *Jogo da Cabra Cega*, por Álvaro Salema; no n.º 91, de Fernando Alvarenga, «A Irracionalidade Possível em José Régio»; no n.º 106, um estudo, de Albano Martins, sobre a recepção pela crítica da 1.ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*; no n.º 117/8, Eugénio Lisboa disserta sobre a relação privilegiada de Régio com Sá-Carneiro; finalmente, o n.º 140/1 publica três artigos sobre o *Jogo da Cabra Cega*, por Luís Sobreira, Violante Florêncio e Diana Pimentel. Também muita correspondência inédita aqui é revelada: no n.º 38, para Branquinho da Fonseca e para Casais Monteiro; no n.º 49, para Albano Nogueira, reagindo à crítica deste ao *Jogo da Cabra Cega*; no n.º 79, três cartas para Branquinho da Fonseca; no n.º 99, uma carta para Fausto José; no n.º 140, três cartas para Carlos Queiroz e oito para o pai, sobre teatro. Outras figuras ligadas ao movimento da

Presença são estudadas na revista: Branquinho da Fonseca — por Pierre Hourcade, no n.º 23, por Francisco Cota Fagundes (que detecta uma «visión esperpéntica» na elaboração estética de *O Barão*) no n.º 68; por Clara Rocha, no n.º 159/60; *Elói*, de João Gaspar Simões, é analisado por Ricardo Stenberg no n.º 76, sendo a actividade do crítico comentada em duas notas de Eugénio Lisboa — n.º 77 — e de Albano Nogueira — n.º 95; Casais Monteiro tem alguma poesia lida por Eduardo Prado Coelho no n.º 38; Saúl Dias é saudado, no n.º 60, por Guilherme de Castilho aquando da atribuição do Prémio da Crítica; F. J. Vieira Pimentel escreve o *In memoriam* Alberto de Serpa no n.º 127/8; os *Poemas Surdos* de Edmundo de Bettencourt são tema de artigo para Fernando J. B. Martinho no n.º 38 e de nota crítica para Alfredo Margarido no n.º 14.

Três outras grandes figuras cuja estreia data dos anos 20: Vitorino Nemésio, Miguel Torga e Irene Lisboa. Os dois primeiros colaboraram com a *Colóquio/Letras* quase até à morte: Nemésio nela ainda publicou poemas em 1978, ano em que faleceu; Torga, assíduo tanto em poesia como em ficção, vê a última composição publicada em 1988. Sobre Vitorino Nemésio há dois bons artigos logo no segundo número: Maria Lúcia Lepecki analisa *Mau Tempo no Canal* e Eduardo Prado Coelho *O Verbo e a Morte*; nos n.º 18 e 24 o crítico brasileiro Euryalo Cannabrava estuda *Limite de Idade*; o n.º 48 é de homenagem, com ensaios de António Machado Pires («Nemésio e os Açores»), Eduardo Lourenço («Nemésio, *Clown* de Deus») e de Fernando Cristóvão («Nemésio: Uma Perspectiva Crítica do Brasil»). *Mau Tempo no Canal* é um dos «Três Romances das Ilhas» sobre os quais escreve Orlando Ribeiro no n.º 53; «Dos Caminhos de Um Monstro» se intitula o texto de Silvina Rodrigues Lopes inserto no n.º 82 e que trata a «Interrogação e a Felicidade da Palavra em alguma Poesia de Vitorino Nemésio»; dez anos depois da sua morte, a revista volta a homenagear Nemésio, desta vez pela mão de um dos maiores especialistas na obra: David Mourão-Ferreira que revela alguns segredos no ritmo de composição de *Mau Tempo no Canal* e publica um longo excerto de uma carta de Nemésio a que dá o título de «Retrato do Pai» e é certamente uma das obras-primas que a revista teve a honra de editar em primeira mão. Também a outra correspondência inédita do autor de *Bicho Harmonioso* publicada pela revista revela Nemésio como grande epistológrafo (cartas para Manuel da Silva Gaio — n.º 104 —, carta-crítica de 1934 sobre o *Jogo da Cabra Cega* para José Régio — n.º 81 —, esta última a ser aproximada daquela, já referida, enviada a Aquilino Ribeiro sobre *Maria Benigna*). Miguel Torga,

de que a revista transcreve em fac-símile duas cartas para Hernâni Cidade (n.º 96), aparece como ficcionista no primeiro número e, logo no segundo, vê a 4.ª e a 1.ª edições do *Terceiro Dia da Criação do Mundo* comparadas pelo director da publicação. Torga é homenageado no n.º 43 (analisando David Mourão-Ferreira as relações entre poética e poesia no *Diário*, Maria Helena da Rocha Pereira os mitos clássicos na obra de Torga, Teresa Rita Lopes o teatro, textos a que se acrescentam outros dois da autoria de Jorge Fernandes da Silveira e de Álvaro Manuel Machado). Antes, nos n.º 24 e 25, o conto «Vicente» de *Bichos* fora objecto de artigos de Nayade Anido e de Teresa Rita Lopes. No n.º 87, Claire Cayron, a tradutora francesa de Torga, fala sobre um trabalho notável de divulgação de um autor português; os oitenta anos do escritor são pretexto para outra homenagem no n.º 98 de *Colóquio/Letras*, com a colaboração de David Mourão-Ferreira, Linhares Filho, João Bigotte Chorão e Maria de Lourdes Belchior. Eloísa Alvarez analisa *Ventura* no n.º 106 e o n.º 125 inclui os textos «A Literatura e o Mal: Torga, Celan e Duras» de José Augusto Mourão e «Cadáveres Adiados: a Loucura na Heroína Torguiana» de Maria Manuel Lisboa. Quando o escritor morreu, a sua obra foi tema de abertura do n.º 135/6, em artigos de Eduardo Lourenço e de João Bigotte Chorão. Tendo-se também estreado em livro nos anos 20 (*13 Contarelos* é de 1926), Irene Lisboa é um dos casos mais interessantes da literatura portuguesa contemporânea, com livros onde o real quotidiano aparece nu e cru, sem quaisquer concessões ao sentimental ou ao romanesco. Talvez por isso o seu destino foi e continua a ser a de uma grande esquecida do público leitor — também por isso *Colóquio/Letras* lhe dedicou um número monográfico — 131 —, com textos de Óscar Lopes, Paula Morão, Fernando J. B. Martinho, F. J. Vieira Pimentel, Fernando Guimarães, Helena Buescu, Maria João Reynaud, Silvina Rodrigues Lopes, Isabel Allegro de Magalhães, Matilde Rosa Araújo, Luísa Dacosta e Catherine Dumas. O número inclui, em separata, a reprodução de um texto, «Pastoral», e é ilustrado por Teresa Ferrand, em aguarelas que incluem imagens de alguns objectos pessoais da escritora. Quatro autores que a revista também não esqueceu: Agostinho da Silva (n.º 96 e 140, textos de Eugénio Lisboa e Edson Nery da Fonseca); Sant'Anna Dionísio (n.º 123/4, texto de Pinharanda Gomes), António Salgado Júnior (texto de António Ribeiro Santos, n.º 112), Manuel Mendes (três cartas para Ruy Cinnati, n.º 94).

Dos quatro escritores ligados ao neo-realismo, com estreia em livro nos anos 30, Fernando Namora é o mais estudado na *Colóquio/Letras*: logo no primeiro número,

Hernâni Cidade escreve sobre os poemas de *Marketing*; «O Elemento Picaresco em Três Romances de Fernando Namora» é procurado (sem grande sucesso) por Yvonne David-Peyre nos n.º 40 e 41; Pierre Hourcade tece «Algumas Considerações a propósito de Cidade Solitária», no n.º 51; A estrutura temporal nos romances de Namora é tema para Roxana Eminescu no n.º 73; *Rio Triste* é estudado por Pierrette e Gérard Chalendar no n.º 86. Na comemoração do cinquentenário de vida literária, o autor é homenageado por Urbano Tavares Rodrigues e David Mourão-Ferreira. Finalmente, no n.º 104/5 Nelly Novaes Coelho escreve sobre «Fernando Namora e a Civilização Cristã-Burguesa em declínio». Alexandre Pinheiro Torres escreve o texto de homenagem a Mário Dionísio pelo seu 70.º aniversário — e Fernando Alvarenga, no mesmo número, analisa o contributo para o neo-realismo da «ficha 14» do escritor e pintor. Sobre *Gaibéus*, de Alves Redol, escrevem Carlos Reis — n.º 52 — e Maria Graciete Besse — n.º 77 —, ocupando-se Ana Paula Ferreira no n.º 120 dos *Reinegros*. O simbolismo da água na obra de João José Cochofel é estudado por Fernando J. B. Martinho no n.º 62, falando Fernando Namora, a seu propósito, no n.º 67, de «Intimismo e Neo-Realismo». Ficcionalistas sem filiação em escolas publicaram também pela primeira vez nos anos 30: José Rodrigues Miguéis (de quem a revista publica duas cartas para David Ferreira, no n.º 129/30, é um dos autores estudados por Álvaro Cardoso Gomes no artigo «O Psicológico e o Social na ficção da *Presença*», n.º 70, e foi evocado no seu centenário por Sofia Paixão — n.º 161/2); José Marmelo e Silva (lembrado por António Rebordão Navarro no n.º 132/3); João de Araújo Correia (sobre o qual escreve João Bigotte Chorão no n.º 89) e Francisco Costa (que o mesmo ensaísta evoca no n.º 102). Três estudiosos da literatura dos mais relevantes — M. Rodrigues Lapa, António José Saraiva e Alexandre Cabral — são tema de artigos ou notas. Sobre o primeiro, Fábio Lucas no n.º 26 e Luciana Stegagno Picchio no n.º 52; sobre o segundo, Hernâni Cidade no n.º 12 e António Ribeiro dos Santos no n.º 129/30; o terceiro por João Bigotte Chorão no n.º 119 e por Abel Barros Baptista no n.º 147/8). O poeta Carlos Queiroz, de que *Colóquio/Letras* publica poemas inéditos no n.º 2, é tema de uma nota de Carina Infante do Carmo no n.º 140/1.

Quase uma centena de artigos é dedicada a autores cuja estreia em livro se dá nos anos 40: Jorge de Sena, Vergílio Ferreira e José Saramago são os mais frequentemente estudados. Jorge de Sena, homenageado no n.º 67 com textos de Eduardo Lourenço, Fernando J. B. Martinho (ambos ocupados com a poesia do autor de *Metamorfoses*), Alexandre Pinheiro Torres (que traça um panorama da ficção

seniana), Eugénio Lisboa (que se debruça sobre o teatro de Sena) e Vítor Manuel Aguiar e Silva (que se ocupa do camonista), já vira a sua poesia estudada por Fernando J. B. Martinho no n.º 37. Maria Alzira Seixo trata de interferências genológicas no n.º 90. Dez anos passados sobre a morte de Jorge de Sena, o n.º 104 dedica-lhe dois textos: de Luís Adriano Carlos e de Joaquim-Francisco Coelho. *O Físico Prodigioso* é comparado com «Kama e o Génio» por Francisco Cota Fagundes no n.º 109; no 125/6, Luís Adriano Carlos, Horácio Costa e Onésimo T. Almeida apresentam estudos respectivamente sobre obras de poesia, de ficção e de ensaio, tendo o primeiro destes estudiosos voltado a Jorge de Sena no n.º 147/8, desta vez acompanhado por Victor J. Mendes que fala sobre a visão seniana de Fernando Pessoa. A correspondência de Sena, que tem vindo a sair em diversos volumes, encontra-se representada na *Colóquio/Letras* através de cartas para Ruy Cinatti — n.º 80 —, Arquimedes da Silva Santos — n.º 97 —, José Osório de Oliveira — n.º 104/5 — e José Blanc de Portugal — n.º 132/3. Companheiros de Sena nos *Cadernos de Poesia*, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ruy Cinatti e José Blanc de Portugal, todos eles com poesia publicada na *Colóquio/Letras*, são nela igualmente motivo de estudo. À primeira foram dedicados artigos de Eduardo Prado Coelho — n.º 57 —, José Augusto Morão — n.º 74 —, Maria de Lourdes Belchior — n.º 89 —, Clara Rocha — n.º 132/3 (número que tem uma fotografia de Sophia na capa da autoria de Fernando Lemos) e Anna Kobluka, ensaísta que se debruça sobre os poemas pessoanos da autora no n.º 140/1. Ruy Cinatti tem a obra póstuma analisada por Joana Matos Frias no n.º 155/6 e a José Blanc de Portugal, «entre a renascença e o modernismo» é dedicado um artigo de Diogo Pires Aurélio no n.º 143/4.

Começando pelo neo-realismo, a obra de ficção de Vergílio Ferreira sofreu profundas transformações: sobre elas reflectem Maria Lúcia Dal Farra — n.º 21 —, Maria Lúcia Lepecki — n.º 36 —, escrevendo ensaios sobre um dado livro Maria da Glória Padrão (sobre *Nítido Nulo* no n.º 81), Fernando Pinto do Amaral (sobre *Em nome da Terra*, n.º 120) e Maria Alzira Seixo (sobre *Na Tua Face*). No 70.º aniversário do escritor, a revista homenageou-o com textos de Eduardo Lourenço e Georg Rudolf Lind, voltando a fazê-lo quando do seu falecimento, agora através de artigos de Liberto Cruz e de Luís Mourão. Vergílio Ferreira, colaborador muito assíduo da revista, em termos de ensaio e de ficção, publicou no segundo número o conto «A Galinha», variação bem-humorada e amarga sobre a inveja. Provindos também do neo-realismo, Carlos de Oliveira e Manuel da Fonseca, ambos poetas e

ficcionistas vêm as respectivas obras estudadas na revista por: quanto ao primeiro, Fiama Hasse Pais Brandão (n.º 26 e 29), Francisco Cota Fagundes (com um texto sobre *Uma Abelha na Chuva*, n.º 58), Eduardo Prado Coelho (n.º 62), António Guerreiro (sobre *Finisterra*, no n.º 104) e Rosa Maria Martelo (sobre *Trabalho Poético*, n.º 135/6); quanto ao segundo, por Maria Elena Ortiz Assunção (n.º 66) e Serafim Ferreira (n.º 94, nos 75 anos do autor). Soeiro Pereira Gomes publicou *Esteiros* em 1941 e sobre o livro escreve Urbano Tavares Rodrigues no n.º 51 de *Colóquio/Letras*. Outro autor neo-realista, ficcionista, antologador e estudioso das literaturas africanas de língua portuguesa foi Manuel Ferreira, homenageado no n.º 125/6 por Patrick Chabal. Tanto Urbano Tavares Rodrigues como José Cardoso Pires se iniciaram na ficção com obras de raiz neo-realista: Maria Graciete Besse dedicou dois artigos à ficção do primeiro (n.º 71 e 109), sendo *O Delfim*, de Cardoso Pires, objecto de estudo de Virgínia Maria Gonçalves (n.º 36) e João de Melo (n.º 59); no n.º 161/2, Paula Morão ocupou-se do «retrato em modo José». José Saramago publicou o primeiro livro, *Terra de Pecado*, em 1947, mas só 30 anos depois, com *Manual de Pintura e Caligrafia*, voltou a escrever um romance. Em 1998 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel de Literatura — o único para um autor de língua portuguesa: *Colóquio/Letras* comemorou o acontecimento com a saída de um número monográfico, preparado em estreita colaboração com Maria Alzira Seixo, número onde todos os livros do autor são cuidadosamente analisados por ensaístas portugueses e estrangeiros. Assim, Fernando J. B. Martinho, Maria de Lurdes Cidraes e Cristina Serôdio tratam da poesia; da crónica ocupam-se Isabel Moutinho e Adriana Martins; do conto Margarida Braga Neves; do teatro, Luiz Francisco Rebello, Christine Zurbach e Graziella Seminara; do livro de viagens, Tânia Franco Carvalhal e Maria Luísa Leal; da obra romanesca, Horácio Costa, Roberto Vecchi, Vítor Viçoso, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Vybha Maurya, Jean-Marc Moura, Maria de Lourdes Câncio Martins, Ana Paula Arnaut, Ettore Finazzi-Agrò, Isaura de Oliveira, Agripina Vieira, Douwe Fokkema, Wladimir Kryszynski, Isabel Pires de Lima, Leyla Perrone-Moisés, Ana Monner Sans, Adrián Huici e Jean Bessière; da escrita diarística, Fernando Venâncio; publica-se um conto inédito e a reprodução do caderno de apontamentos para *A Jangada de Pedra*, comentado por Maria Alzira Seixo. O interesse por Saramago já era anterior: a revista publicara nos n.º 101, 109, 120/1 e 143, artigos de Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Maria Alzira Seixo, Horácio Costa, Helena Kaufman e Abel Barros Baptista respectivamente sobre *Memorial do*

Convento, História do Cerco de Lisboa, O Ano da Morte de Ricardo Reis, História e ficção e os Cadernos de Lanzarote.

Algo tardiamente, estreou-se nos anos 40 um grande escritor: Tomaz de Figueiredo. Dez anos depois da sua morte, no n.º 58, de Novembro de 1980, José Bento evocava-o em Estarreja; recentemente, no n.º 159/60, *Colóquio/Letras* publicou dois artigos sobre o autor, de Helena Buescu e Artur Anselmo (o ensaio deste último sobre o culto da língua por parte do autor de *Dicionário Falado*). Foram também revelados inéditos, nomeadamente um belo conjunto de poemas breves escritos entre 1965 e 1970 e uma excelente poesia satírica, «Marcelírica». Outro autor estudado neste número foi Domingos Monteiro, cujos contos foram lidos por Teresa Seruya. Agustina Bessa-Luís foi tema de quatro ensaios: de Vasco Graça Moura (n.º 69), de Catherine Dumas («Mistério e Realidade» na obra de Agustina, n.º 70), de Georges Güntert (sobre *Eugénia e Silvina*, n.º 120/1), de Laura Bulger (sobre *Vale Abraão*, n.º 131/2) e de José Manuel Heleno (n.º 143/4). Ruben A., morto prematuramente em 1975, foi alvo de uma homenagem no n.º 29, com textos de Jacinto do Prado Coelho e de José-Augusto França. No n.º 159/60 que, em conjunto com o anterior, pretendeu oferecer artigos panorâmicos sobre a obra de prosadores novecentistas pouco estudados, Fernando Matos Oliveira publica «Versões da Origem na Obra de Ruben A.». Editam-se na mesma ocasião duas extraordinárias, lúcidas e truculentas cartas para Liberto Cruz.

Importantes ensaístas e pensadores também se estrearam em livro na década de 40. *Colóquio/Letras* insere artigos ou notas sobre Óscar Lopes (por Maria Alzira Seixo, n.º 96), Jacinto do Prado Coelho (por David Mourão-Ferreira, n.º 79, havendo depoimentos vários no n.º 80), Andréa Rocha (por Ofélia Paiva Monteiro, n.º 95), Luís Filipe Lindley Cintra (por Teresa Amado, n.º 123/4), Albano Nogueira (por Eugénio Lisboa, n.º 125/6), Eudoro de Sousa (n.º 140/1 por Edson Nery da Fonseca).

Armindo Rodrigues, excelente e (talvez demasiado prolífico) poeta, publicou muito na revista: no n.º 27, há um artigo de Jacinto Prado Coelho sobre a sua visão dialéctica em poesia e no n.º 80, David Mourão-Ferreira homenageia-o no seu 80.º aniversário. Eugénio de Andrade é objecto de um longo ensaio, já mencionado, de Óscar Lopes — n.º 47 —, de uma nota de Eduardo Prado Coelho — n.º 34 —, e de outra de Paula Morão — n.º 106 —, nos 40 anos de *As Mãos e os Frutos*. Duas escritoras com capacidades expressivas muito variadas, Natália Correia e Matilde Rosa Araújo, foram tema de artigos na revista. Sobre a primeira, escreveu José Augusto Mourão

(n.º 104/5 e n.º 129/30) e Ângela Almeida (n.º 129/30); sobre a segunda, José António Gomes, no n.º 140/1. Raul de Carvalho, um dos colaboradores de *Távola Redonda* e director de *Árvore*, companheiro fraterno de Luís Amaro, é lido no n.º 94 por António Rebordão Navarro.

Logo em 1950 sai, nas Edições *Távola Redonda*, o livro de estreia, *A Secreta Viagem*, de David Mourão-Ferreira, um dos directores daquelas «Folhas de Poesia». Em homenagem ao poeta, ficcionista, ensaísta, professor, dramaturgo e tradutor, que foi director de *Colóquio/Letras* entre 1984 e 1996, a revista publicou um número monográfico, 145/6, intitulado *Infinito Pessoal* e onde são analisadas as suas diversas facetas de criador. O poeta é estudado por José Carlos Seabra Pereira, Fernando J. B. Martinho, Vasco Graça Moura, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Maria de Lourdes Belchior, Teresa Martins Marques, Maria Teresa Arsénio Nunes; o tradutor de poesia por Maria Helena da Rocha Pereira e por João Barrento; o contista por Maria Lúcia Lepecki e por Maria Alzira Seixo; o romancista por Luci Pereira Ruas; o dramaturgo por Luiz Francisco Rebello e por Duarte Ivo Cruz; o ensaísta por Vítor Manuel Aguiar e Silva, Ernesto Rodrigues, Catarina Oliveira e Manuela Parreira da Silva. O número contém ainda um texto inédito, na génese de *Os Amantes*, cartas para António Manuel Couto Viana e para Luís Amaro, que organizou uma minuciosa bibliografia activa — para além de uma longa entrevista inédita e diversos depoimentos. David Mourão-Ferreira, que foi também colaborador assíduo da revista, nela publicando ensaio e poesia, já fora objecto de estudo por parte de Vasco Graça Moura (n.º 37), Edson Rosa da Silva (n.º 63) e Eduardo Prado Coelho (n.º 92). Companheiro de David na *Távola* foi Alberto de Lacerda, cujas *Elegias de Londres* são estudadas por Fernando Guimarães no n.º 101. António Ramos Rosa, outro dos directores de *Árvore*, enriqueceu muitas páginas de *Colóquio/Letras* com a sua poesia e os seus textos ensaísticos — para além de um bom contributo em recensões críticas. Eduardo Lourenço (n.º 15), Yvette Centeno (n.º 35), Fernando Guimarães (n.º 45), Maria Graciete Besse (n.º 61), Cristina Almeida Ribeiro (n.º 95), Ana Paula Coutinho Mendes (n.º 143/4) foram acompanhando o percurso deste grande poeta, leitor, na revista de outro colaborador de *Árvore*: Fernando Guimarães (n.º 95). Vítor Matos e Sá, cuja poesia, de índole filosofante, pode ser aproximada da destes últimos autores, foi homenageado em 1975, ano em que morreu, precisamente por Fernando Guimarães (n.º 25), escrevendo Maria Irene Ramalho de Sousa Santos no n.º 58 sobre a sua obra póstuma. Ainda colaborador de *Árvore* foi Albano Martins, estudado na

revista por Raquel Villardi Miranda (n.º 84) e Gumercinda Gonda (n.º 98). Surrealista, a poesia de Mário Cesariny é objecto de um ensaio de Massaud Moisés (n.º 73); sobre Alexandre O'Neill, que fez parte do Grupo Surrealista de Lisboa, escrevem António Ramos Rosa — n.º 93 — e Fernando J. B. Martinho — n.º 97 —, tendo a revista publicado no n.º 113/4 um inédito contendo elementos para uma biografia e vários poemas, uns juvenis, outros até então inéditos.

Fernanda Botelho, Augusto Abelaira e Maria Judite de Carvalho são prosadores com estreia em livro nos anos 50 e que foram estudados em *Colóquio/Letras*. A primeira, no n.º 36, por Maria Aparecida Ribeiro (sobre *Xerazade e os Outros*), no n.º 49, por Leodegário A. de Azevedo Filho (sobre *Lourenço É Nome de Jogral*) e no n.º 161/2, onde publica inéditos, por Graça Abreu (sobre o conjunto da obra); o segundo, no n.º 68, por André Pereira da Costa (sobre *Bolor*), no n.º 81 e 109 por Lélia Parreira Duarte (sobre *O Triunfo da Morte* e sobre a relação de Abelaira com Jorge Luis Borges) e no n.º 161/2, por Agripina Vieira (sobre o conjunto da obra); a terceira, por Cleonice Bernardinelli no n.º 27 (sobre a natureza fantástica de um dos seus contos). António Quadros, ensaísta e romancista, foi lembrado por Pinharanda Gomes no n.º 131.

Poetas mais jovens que se estreiam no final dos anos 50: António Barahona (com um estudo por Gil de Carvalho no n.º 155), Pedro Tamen (estudado por Maria da Glória Padrão no n.º 53 e por Fernando J. B. Martinho no n.º 140/1), Cristóvam Pavia (lido pelo mesmo ensaísta no n.º 75 e de quem são publicadas, no n.º 12 cartas para Anne Perrier, escritora suíça) e Fiamma Hasse Pais Brandão (com um estudo de Jorge Fernandes da Silveira no n.º 54).

Herberto Helder e Ruy Belo publicam pela primeira vez em 1961. Herberto é lido por Maria Estela Guedes (n.º 46), Juliet Perkins (n.º 65) e Eduardo Prado Coelho (n.º 92); Ruy Belo por Joaquim Manuel Magalhães (n.º 46), Júlio Conrado (n.º 84), Pedro Serra (n.º 147/8) e Luís Adriano Carlos (n.º 155/6). Luiza Neto Jorge é estudada no n.º 108 por Luís Miguel Nava; Manuel Alegre por João Rui de Sousa (n.º 99), este último por Maria Teresa Arsénio Nunes (n.º 135/6) e Vasco Graça Moura por Fernando Matos Oliveira (n.º 153/4).

Luís de Sttau Monteiro vê a sua *Angústia para o Jantar* analisada por Maria Graciete Besse (n.º 65); sobre romances de Álvaro Guerra escrevem José Martins Garcia (n.º 13) e Nelly Novaes Coelho (n.º 22); a obra ficcional de Almeida Faria é estudada por Cleonice Bernardinelli (n.º 13), Cristina Robalo Cordeiro (n.º 69) e

Vasco Graça Moura (n.º 69). Maria Regina Louro ocupa-se de Maria Ondina Braga (n.º 101); António Guerreiro, Fernando J. B. Martinho e José Augusto Mourão (respectivamente nos n.º 91, 140/1 e 143/4) de Maria Gabriela Llansol; Maria Velho da Costa é objecto de estudos de José Ricardo Nunes (n.º 143/4), Américo Lindeza Diogo e Manuel de Freitas (n.º 161/2); Maria Isabel Barreno é analisada por Paulo Alexandre Santos no n.º 155/6 e Rui Nunes por Maria João Reynaud (n.º 161/2). Dois ensaístas cuja publicação em livro se inicia nos anos 60, Osório Mateus e Eduardo Prado Coelho: sobre o primeiro escreve Fernando Cabral Martins no n.º 142; sobre o segundo, João Barrento (n.º 79), Anna Kobluka (n.º 125) e Abel Barros Baptista (n.º 143/4).

Dois importantes autores, de géneros bem diferentes, estreiam-se em livro já não muito jovens nos anos 70. António Alçada Baptista, cuja *Peregrinação Interior* deu voz pessoal a uma larga faixa de descontentes com o regime e com a igreja, é analisado no n.º 5 sob o ponto de vista da expressão da interioridade em literatura por Eduardo Lourenço. António Osório surge como voz poética muito própria em 1972, com *A Raiz Afectuosa* e vê *Décima Aurora* estudada por Giovanni Pontiero no n.º 82. Mário Cláudio, poeta e ficcionista, cujos três primeiros romances partem da vida de três Artistas (Amadeo de Souza-Cardoso, Guilhermina Suggia e Rosa Ramalho), tem o primeiro estudado por Lino Machado no n.º 102, o terceiro por Maria Teresa Abelha Marques no n.º 121/2 e o terceiro tríptico romanescos por Ernesto Rodrigues no n.º 147/8, sendo que Carlos J. F. Jorge dá uma perspectiva de conjunto da obra ficcional no n.º 161/2. O primeiro livro de Lídia Jorge, *O Dia dos Prodígios*, que alcançou imediato sucesso de crítica e de público, é estudado no n.º 132/3 por Eliana Berg, ao passo que o segundo, *O Cais das Merendas* é tema de dois artigos: o primeiro, de Laura Fernanda Bulger no n.º 82, o segundo de Maria Irene Ramalho de Sousa Santos no n.º 109. Hélia Correia, por sua vez, é objecto de uma nota de Ernesto Rodrigues no n.º 143/4. Dois dos mais significativos poetas surgidos na década, João Miguel Fernandes Jorge e Nuno Júdice são estudados por Eduardo Prado Coelho (n.º 92, artigo transversal a vários autores) e João Camilo dos Santos (n.º 135/6). Eduardo Pitta, colaborador assíduo na crítica de poesia, tem a sua analisada por Fernando Pinto do Amaral no n.º 103. Pedro Barbosa, interessado em poesia experimental com computadores, é objecto de parte de um ensaio de E. M. de Melo e Castro no n.º 89.

É evidente que esta progressiva «rarefacção» na presença de autores contemporâneos é compensada por uma quantidade inversamente proporcional de

recensões críticas e participação criativa. Assim, dos escritores da década de 80, apenas quatro comparecem em termos de artigos: Mário de Carvalho — n.º 143/4 e 147/8, textos de Regina Helena Machado e Osvaldo Silvestre —, Luísa Costa Gomes — n.º 143/4, texto de Maria Graciete Besse —, Paulo Castilho — n.º 132/3 e 161/2, textos de Maria Alzira Seixo e de Cristina Robalo Cordeiro —, n.º 161/2, texto de Mafalda Ivo Cruz. Da década de 90, apenas Fernando Pinto do Amaral é estudado em artigo de Miguel Serras Pereira no n.º 147/8.

Foi sendo referida, sem qualquer preocupação de exaustividade, a publicação de inéditos e documentos, textos criativos e cartas. É chegado o momento de falar dos aspectos valiosos da secção. Por um lado, permite revelar textos de primeira água, como o do manuscrito «J. Carmo Gomes», de Graciliano Ramos (n.º 3 e 4), os poemas inéditos de Cecília Meireles no n.º 5, os de Pessoa no n.º 147/8, o «Trompe l'œil» de O'Neill no n.º 113/4 ou as poesias de Fernando Assis Pacheco no n.º 161/2. Ou então textos de juvenílias, geneticamente valiosos, como as traduções de Fernando Pessoa no n.º 88 apresentadas por José Blanco, o já referido Diário de 1906 (n.º 95) ou os poemas de Reinaldo Ferreira publicados no n.º 6, tendo igual importância para o estudo de obras ou sua evolução textos como o dos apontamentos para *A Jangada de Pedra*, de José Saramago (n.º 151/2), o plano de *A Educação pela Pedra* de João Cabral de Melo Neto (n.º 157/8) ou «A Recordação de Panflakaio» de David Mourão-Ferreira (n.º 145/6). Por outro lado, permitem que o público se aperceba de relações pessoais e literárias entre escritores (como é o caso das cartas publicadas de Régio, Nemésio, Sena, ou da correspondência entre João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector (n.º 157/8), de Guimarães Rosa para Murilo Mendes (n.º 99), das cartas de Manuel Mendes para Ruy Cinatti (n.º 94), ou de Mário Sacramento para Vergílio Ferreira (n.º 42, n.º 74), sendo por vezes sinal de amizade e desejo de abertura a escritores de outros países (caso das cartas de Ribeiro Couto para escritores portugueses (n.º 9), das de Manuel Bandeira para Adolfo Casais Monteiro (n.º 18), a de Jorge de Lima para o mesmo (n.º 50), as de Cecília Meireles para João Afonso e Maria Valupi, (n.º 61 e 66), as de Manuel Larajeira para Unamuno (n.º 22), de Teixeira de Pascoaes para Ribera i Rovira (n.º 13) ou de Pessoa para escritores espanhóis (n.º 117/8). De qualquer forma, a publicação de inéditos ou revela investigações em curso (caso de Jorge de Sena, de Pessoa, das Cantigas de Guilhade (n.º 142), ou chama a atenção para a necessidade de as encetar (casos de Cristóvam

Pavia ou Nuno de Bragança) ou, por vezes, pode contribuir para as completar (casos de António Nobre ou de Camilo Pessanha).

Ao longo de 36 anos de publicação, *Colóquio/Letras* editou centenas de textos de poesia e de ficção — poesia de 188 autores portugueses e de 75 brasileiros, ficção de 63 autores portugueses e de 26 brasileiros. Há também poesia de 19 autores africanos de expressão portuguesa — e aqui põe-se o problema da nacionalidade final de alguns: no caso de Angola, Mário António e David Mestre, no caso de Moçambique, o grande autor de língua portuguesa que foi João Pedro Grabato Dias e seus heterónimos e o caso de Sebastião Alba. E ficção de seis autores africanos, levantado-se também aqui o problema da nacionalidade para dois escritores: de novo Mário António, e Luandino Vieira. A revista insere ainda colaboração poética de alguns (poucos) estrangeiros.

Longe de apresentar listas exaustivas de colaboradores nestas áreas, referem-se os autores que mais se distinguem, ou por reconhecido mérito ou pela qualidade revelada nos textos publicados na revista. Assim, entre os poetas portugueses, indiquem-se os nomes de Cabral do Nascimento, José Gomes Ferreira, Vitorino Nemésio, Miguel Torga, Saúl Dias, Fernando Namora, Natércia Freire, Leonel Neves, Eugénio de Andrade, José Blanc de Portugal, Ruy Cinatti, Armindo Rodrigues, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria de Lourdes Belchior, Natália Correia, Maria Valupi, António Manuel Couto Viana, Goulart Nogueira, Matilde Rosa Araújo, Raul de Carvalho, Albano Martins, Alexandre Pinheiro Torres, Mário Cesariny, David Mourão-Ferreira, Egito Gonçalves, Fernando Vieira, Luís Veiga Leitão, Glória de Sant'Anna, Alberto de Lacerda, António Luís Moita, Maria Alberta Menéres, António Salvado, E. M. de Melo e Castro, Helder Macedo, Vítor Matos e Sá, Pedro da Silveira, António Rebordão Navarro, Carlos Wallenstein, Fernando Echevarría, António Gedeão, Fernando Guimarães, José Bento, António Barahona, João Maia, Salette Tavares, Casimiro de Brito, Ana Hatherly, António Ramos Rosa, Pedro Tamen, Fiama Hasse Pais Brandão, Rui Knopfli, Luiza Neto Jorge, M. S. Lourenço, Maria Amélia Neto, João Rui de Sousa, Ruy Belo, Ivette Centeno, Gastão Cruz, Vasco Graça Moura, José Manuel Mendes, António Carlos Leal da Silva, Luís Amorim de Sousa, António Franco Alexandre, Virgílio Alberto Vieira, Armando Silva Carvalho, Nuno Júdice, António Osório, Manuel António Pina, João Camilo, Luís Miguel Nava, Eduardo Pitta, Mário Cláudio, Al Berto, Levi Condinho, Helder

Moura Pereira, Luís Filipe Castro Mendes, Adília Lopes, Ana Luísa Amaral, Fernando Pinto do Amaral, Inês Lourenço e Pedro Mexia.

Dos poetas brasileiros, refira-se a colaboração de Cassiano Ricardo, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Abgar Renault, Mário Quintana, Domingos Carvalho da Silva, Afonso de Guimaraens, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Darcy Damasceno, Marcos Konder Reis, Lêdo Ivo, João Cabral de Melo Neto, Thiago de Mello, Affonso Ávila, Ferreira Gulla, Alberto da Costa e Silva, Gilberto Mendonça Teles, Valmir Ayala, Armindo Trevisan, Nauro Machado, Affonso Romano de Sant'Anna, Flávio Moreira da Costa e Geraldo Pinto Rodrigues.

De prosadores portugueses, indiquem-se os nomes de Miguel Torga, João de Araújo Correia, Vergílio Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Saramago, Agustina Bessa-Luís, Ruben A., Ilse Losa, Fernanda Botelho, António Rebordão Navarro, Luísa Dacosta, Maria Judite de Carvalho, Almeida Faria, Maria Gabriela Llansol, Maria Ondina Braga, Jacinto Baptista, João Medina, António Osório, Lídia Jorge, Marcello Duarte Mathias, Mário de Carvalho, Luísa Costa Gomes, Teresa Veiga, Fernando Cabral Martins, Wanda Ramos, Maria João Lello Ortigão de Oliveira e Gonçalo M. Tavares.

A contribuição brasileira em termos de ficção atinge excelente qualidade nos textos de: Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Jorge Amado, Geraldo de Mello Mourão, Afonso Guimaraens, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Osman Lins, Manuel Lobato, Autran Dourado, Haroldo Maranhão, Moacyr Scliar, Roberto Drummond e Flávio Moreira da Costa.

No aspecto da iconografia, para além de se terem tentado obter fac-símiles cada vez mais perfeitos de autógrafos, a revista procurou dar uma unidade de imagens a cada número, solicitando a colaboração de fotógrafos e pintores. Assim, no domínio da fotografia, nos n.º 121/2 e 125/6, publicaram-se fotografias antigas em colaboração com António Sena; Mariano Piçarra inseriu trabalhos seus nos n.º 117/8 e 140/1; no número 132/3 foram reproduzidas fotografias de escritores da autoria de Fernando Lemos e de João Cutileiro; no n.º 135/6, trabalhos de Gérard Castello Lopes; no número 143/4, de José Manuel Rodrigues e de Alfredo Cunha; no n.º 145/6, de João Francisco Vilhena; no n.º 155/6, de Rui Fonseca. Reproduziram-se desenhos ou pinturas de Paula Rego (n.º108), Ema Berta (n.º115/6), Menez (n.º 120), Rosa

Carvalho (n.º 123/4 e n.º 147), Miguel Branco (n.º 127/8), Michael Biberstein (n.º 134). Expressamente executados para a ilustração da revista foram trabalhos de Teresa Ferrand (n.º 131 e n.º 149/50), Luis Manuel Gaspar (n.º 142 e colaboração pontual noutros volumes), Bartolomeu dos Santos (n.º 151/2), António Jorge Gonçalves (n.º 153/4), Tiago Manuel (n.º 157/8), Bárbara Assis Pacheco (n.º 159/60 e 161/2) e Nuno Viegas (n.º 163, 164, 165).

A revista editou dois números de *Cadernos da Colóquio/Letras* (n.º 1 sobre «Teoria da Literatura e Teoria da Crítica» e n.º 2 sobre «Modernismo e Vanguardas» e um número antológico, reunindo artigos sobre poesia portuguesa a partir de Fernando Pessoa, que foi traduzido para alemão em 1997 (ano em que Portugal foi país-tema na feira de Frankfurt) e para francês, em 1998, quando a Fundação Gulbenkian participou no Sallon du Livre, em Paris.